

# ASSASSIN'S CREED™

CRUZADA SECRETA  
OLIVER BOWDEN



*Tradução de João Felix*



SAÍDA DE EMERGÊNCIA  
Para quem quer fugir da rotina



## PRÓLOGO

O majestoso navio rangia e gemia; as suas velas ondulavam inchadas com o vento. A dias de distância de terra firme, o navio cortava o oceano a caminho da grande cidade no oeste com uma carga preciosa: um homem; um homem que a tripulação apenas o conhecia pelo Mestre.

Ele estava agora entre eles, sozinho no convés de proa onde tinha des-cido o capote das suas vestes para que a espuma do mar o pudesse chico-tear, sentindo o seu sabor com a sua face ao vento. Fazia isto uma vez por dia. Surgia da sua cabine para andar pelo convés, escolhia um ponto no mar para olhar e regressava para baixo. Por vezes ficava de pé no castelo de proa, outras no tombadilho. Olhava sempre para o horizonte do mar com cristas brancas.

A tripulação observava-o todos os dias. Trabalhavam, chamando uns pelos outros no convés e no cordame, cada um com uma tarefa a fazer, enquanto lançavam um olhar furtivo para a figura solitária e pensativa. Perguntavam-se, que espécie de homem seria ele? Que espécie de homem estava entre eles?

Agora estudavam-no furtivamente à medida que ele se afastava dos parapeitos do convés e puxava o capuz para cima. Ficou ali de pé por um momento com a sua cabeça curvada e os seus braços soltos e para baixo enquanto a tripulação o observava. Talvez alguns deles até tenham empalidecido enquanto ele se cruzava com eles pelo convés a caminho da sua cabine. E quando a porta se fechou atrás de si, cada um deles se apercebeu que tinha estado a sustentar a respiração.

Do lado de dentro, o Assassino voltou para a sua secretária e sentou-se, servindo-se de uma taça de vinho antes de pegar num livro e puxá-lo para si. Abriu-o e começou a ler.



# PARTE UM



# 1

*19 de Junho de 1257*

Maffeo e eu continuamos em Masyaf e permaneceremos aqui por enquanto. Pelo menos até que uma ou duas, como direi, “incertezas” forem resolvidas. Entretanto, permanecemos ao serviço do Mestre, Altaïr Ibn-La’Ahad. Por muito frustrante que seja entregar as decisões do nosso caminho desta forma, especialmente ao líder da Ordem que, na sua velhice, manuseia a ambiguidade com a mesma precisão impiedosa com que em tempos manuseava a espada e a lâmina, ao menos tenho o benefício de privar das suas histórias. Maffeo, no entanto, não tem essa vantagem e está cada vez mais inquieto. É compreensível. Ele está cansado de Maysaf. Não lhe agrada atravessar os montes íngremes entre a fortaleza do Assassino e a aldeia em baixo, não tem apetência pelo terreno montanhoso. É um Polo, diz ele, e, após seis meses aqui, a sede de viajar é para ele como o chamamento de uma mulher voluptuosa, persuasiva e tentadora, impossível de ignorar. Ele deseja encher as velas com vento e partir para novas terras, meter Maysaf pelas costas.

A sua impaciência é uma irritação que eu, com franqueza, dispensava. Altaïr está à beira de anunciar algo, eu consigo senti-lo.

Então, hoje declarei:

— Maffeo, vou contar-te uma história.

As maneiras do homem! Somos mesmo parentes? Começo a duvidar. Em vez de receber esta notícia com o tão merecido entusiasmo, posso jurar que o ouvi a suspirar (ou talvez lhe deva dar o benefício da dúvida; talvez ele simplesmente estivesse sem fôlego devido ao sol abrasador) antes de me exigir:

— Antes de o fazeres, Niccolò, importas-te de me dizer sobre o que trata? — num tom deveras exasperado — pergunto-te.

Ainda assim, disse-lhe:

— É uma boa pergunta, irmão — e pensei um pouco sobre o assunto enquanto nos encaminhávamos para o terrível declive. Por cima de nós, a

cidadela elevava-se sombriamente sobre o promontório, como se tivesse sido talhada no próprio calcário. Tinha decidido que queria o cenário perfeito para contar a minha história e não havia local algum mais apropriado que a fortaleza de Maysaf. Era um castelo imponente com muitas torres, rodeado por rios espelhados. Presidia sobre a aldeia movimentada em baixo, uma povoação que estava num ponto alto dentro do Vale de Orontes. Um oásis de paz. Um paraíso.

— Diria que é sobre *conhecimento* — decidi, por fim. — A palavra “Assaseen”, como sabes, significa “guardião” em Árabe. Os Assassinos são os guardiães dos segredos, e os segredos que guardam são de conhecimento, por isso, sim... — sem dúvida que soava bem a mim mesmo — ... é sobre conhecimento.

— Então lamento, mas tenho algo combinado.

— Oh?

— Uma distração dos meus estudos seria certamente bem-vinda, Niccolò. No entanto, não desejo um prolongamento deles.

Sorri.

— Certamente quererás ouvir as histórias que o Mestre me contou.

— Tudo depende. A tua voz faz com que pareçam tudo menos estimulantes. Sabes quando dizes que os meus gostos vão para o sanguinário no que diz respeito às tuas histórias?

— Sim.

Maffeo mostrou um sorriso amarelo.

— Bom, tens razão, vão mesmo.

— Então terás disso também. Estes, afinal, são os contos do grande Altaïr Ibn-La'Ahad. Esta é a *história da sua vida*, irmão. Acredita em mim, não há falta de acontecimentos e muitos deles, ficarás satisfeito por saber, cheios de sangue.

Por esta altura já tínhamos chegado ao cimo da barbacã até ao exterior da fortaleza. Passámos por debaixo da arcada e através do posto de guarda, subindo de novo à medida que nos dirigíamos em direcção ao castelo interior. À nossa frente estava a torre onde Altaïr tinha os seus aposentos. Visitava-o ali há semanas, passando horas incontáveis absorto com ele, sentado com as suas mãos fechadas uma na outra e os seus cotovelos recostados nos braços da sua cadeira alta, a contar as suas histórias, os seus velhos olhos mal se viam atrás do seu capuz. E, progressivamente, eu tinha começado a aperceber-me que estava a ouvir estas histórias com um propósito. Por alguma razão ainda inimaginável para mim, eu tinha sido *escolhido* para as ouvir.

Nas alturas em que não me estava a contar as suas histórias, Altaïr debruçava-se sobre os seus livros e memórias, olhando por vezes duran-



te longas horas pela janela da sua torre. Agora estaria lá, pensei, e puxei o capuz para trás agarrando-o pela borda com o polegar. Protegi os olhos ao olhar para cima na direcção da torre, mas não vi nada a não ser a pedra queimada pelo sol.

— Temos uma reunião com ele? — Maffeo interrompeu os meus pensamentos.

— Não, hoje não — respondi, apontando em vez disso para uma torre à nossa direita. — Vamos ali acima...

Maffeo franziu o sobrolho. A torre de defesa era uma das mais altas na cidadela e só se conseguia alcançar por uma série de escadas vertiginosas, a maioria das quais parecia necessitar de reparações. Mas fui insistente e meti a minha túnica por dentro do cinto, depois conduzi Maffeo até ao primeiro nível, depois até ao seguinte e finalmente até ao topo. Dali, olhámos para a vista campestre. Quilómetros e quilómetros de terreno escarpado. Rios como veias. Agrupamentos de povoações. Olhámos sobre Maysaf: os montes da fortaleza até aos edifícios e mercados da aldeia que se estendia em baixo, a paliçada de madeira da muralha exterior e os estábulos.

— Estamos a que altura? — perguntou Maffeo com um aspecto esverdeado, sem dúvida consciente de estar a ser fustigado pelo vento e que o chão agora parecia estar muito, muito distante.

— Acima de setenta e cinco metros — disse-lhe. — Suficientemente alto para colocar os Assassinos fora do alcance dos arqueiros inimigos, mas capaz de fazer chover setas e muito mais sobre eles.

Mostrei-lhe as aberturas que nos rodeavam por todos os lados.

— Dos balestreiros aqui, eles podiam lançar pedras ou óleo sobre o seu inimigo, usando estas... — erguiam-se plataformas de madeira em direcção ao céu e nós agora aproximávamo-nos de uma delas, segurando-nos a apoios verticais de ambos os lados e inclinando-nos no ar para olhar para baixo. Imediatamente abaixo de nós, a torre entrava na borda do rochedo. Mais abaixo, o rio espelhado.

Com a cara a empalidecer, Maffeo deu um passo atrás para a segurança do chão da torre. Ri-me, fazendo o mesmo (e também secretamente contente, sentindo-me eu próprio um pouco tonto e enjoado, em boa verdade).

— E porque motivo nos trouxeste aqui acima? — perguntou Maffeo.

— Aqui é onde a minha história começa — disse eu. — Em mais do que um sentido. Foi daqui que o vigia viu pela primeira vez a força invasora.

— A força invasora?

— Sim. O exército de Saladino. Ele veio para fazer cerco a Maysaf, para derrotar os Assassinos. Há oitenta anos atrás, num brilhante dia em Agosto. Um dia muito parecido com o de hoje...

## 2

Ao princípio, o vigia viu os pássaros.

Um exército em movimento atrai os necrófagos. Principalmente da espécie alada, que voam sobre quaisquer restos que fiquem para trás: comida, desperdícios, cadáveres, tanto de cavalos como de homens. De seguida viu o pó. E depois uma vasta mancha escura que apareceu no horizonte, arrastando-se lentamente em frente, absorvendo tudo no seu caminho. Um exército habita, perturba e destrói a paisagem; é um monstro gigante e esfomeado que consome tudo no seu caminho e, na maioria dos casos, como Saladinobem sabia, bastava a sua visão para fazer com que o exército inimigo se rendesse.

No entanto, desta vez não seria assim. Não quando os seus inimigos eram os Assassinos.

Para a campanha, o líder Sarraceno tinha juntado uma força modesta de dez mil homens de infantaria, cavalaria e seguidores. Com estes, planeava esmagar os Assassinos, que já tinham feito dois atentados à sua vida e certamente não falhariam uma terceira vez. Com a intenção de levar a luta até à sua porta, ele tinha trazido o seu exército para as montanhas An-Nusayriyah e para as nove cidadelas dos Assassinos que se encontravam ali.

Tinham chegado mensagens a Maysaf que os homens de Saladino tinham pilhado o campo, mas que nenhuma das fortalezas tinha sido conquistada. Saladino estaria a caminho de Maysaf, com o objectivo de conquistá-la e tomar a cabeça do líder dos Assassinos, Al Mualim.

Saladino era tido como um líder comedido e justo, mas os Assassinos irritavam-no tanto como o inquietavam. Segundo relatórios, o seu tio Shihab Al'din aconselhava-o a propor um tratado de paz. Ter os Assassinos do seu lado e não contra si, era o raciocínio de Shihab. Mas o Sultão vingativo não se deixaria demover e assim era que o seu exército rastejava em direcção a Maysaf num brilhante dia de Agosto em 1176. O vigia avistou o

bando de pássaros, as grandes nuvens de pó e a mancha negra no horizonte e levou um chifre aos lábios para dar o alarme.

Enquanto armazenavam mantimentos, os habitantes abrigaram-se para dentro da segurança da cidadela, transformando-se em multidões nos pátios, o medo gravado nas suas caras. Mas muitos deles montavam bancadas para continuar a fazer comércio. Entretanto, os Assassinos começaram a fortificar o castelo, preparando-se para defrontar o exército, olhando para a mancha espalhada ao longo da bela paisagem verdejante. O grande monstro alimentava-se do território, colonizando o horizonte.

Ouviram os chifres e os tambores e os pratos. E assim que conseguiram avistar as figuras à medida que estas se materializavam por entre a névoa de calor: viam milhares deles. A infantaria: lanceiros, atiradores e arqueiros, arménios, núbios e árabes. Viram a cavalaria: árabes, turcos e mamelucos, armados de sabres, clavas e espadas longas, alguns com cotas de malha, outros com armaduras de couro. Viram as liteiras das mulheres nobres, os homens santos e os seguidores desorganizados na traseira: famílias, crianças e escravos. Observavam enquanto os guerreiros invasores atingiam a cortina exterior e lhe ateavam fogo, incluindo os estábulos, com os chifres ainda a soar e os pratos a tocar. Dentro da cidadela, as mulheres da aldeia começavam a chorar. Imaginavam que as suas casas seriam as próximas a serem incendiadas. Mas os edifícios foram deixados incólumes e, ao invés, o exército parou na aldeia, aparentando pouco interesse pelo castelo.

Não enviaram qualquer emissário, nenhuma mensagem; apenas montaram acampamento. A maioria das suas tendas era negra mas, no meio do acampamento, havia um grupo de pavilhões maiores, os aposentos do grande Sultão Saladino e os seus generais mais próximos. Esvoaçavam bandeiras bordadas e as pontas dos mastros das tendas eram romãs douradas, os pavilhões cobertos por seda colorida.

Na cidadela, os Assassinos meditavam sobre as suas táticas. Iria Saladino atacar a fortaleza ou tentaria fazê-los morrer à fome? Quando caiu a noite, já tinham a resposta. Debaixo deles, o exército começara a montar as suas máquinas de cerco. Ardiam fogueiras pela noite dentro. O som de serras e martelos elevava-se até aos ouvidos dos que guardavam os baluartes da cidadela e até à torre do Mestre, onde Al Mualim convocara uma reunião dos seus Mestres Assassinos.

— Saladino foi-nos entregue — disse Faheem al-Sayf, um Mestre Assassino. — Esta é uma oportunidade que não deve ser desperdiçada.

Al Mualim ponderou. Olhou pela janela da torre, pensando no pavilhão colorido dentro do qual Saladino estava naquele momento sentado a maquinar a sua queda e a dos Assassinos. Pensou no exército do grande

Sultão e como tinha devastado o campo. Como o Sultão era inteiramente capaz de recrutar uma força ainda maior caso esta sua campanha falhasse.

Saladino tinha um poderio inigualável, concluiu. Mas os Assassinos, esses tinham astúcia.

— Com Saladino morto, os exércitos Sarracenos cairão — disse Faheem.

Mas Al Mualim abanava a cabeça:

— Penso que não. Shihab irá tomar o seu lugar.

— Ele não é metade do líder que é Saladino.

— Então seria menos eficaz a expulsar os Cristãos — contrapôs Al Mualim bruscamente. Por vezes os modos predatórios de Faheem cansavam-no. — Queremos entregar-nos à sua mercê? Queremos relutantemente tornar-nos seus aliados contra o Sultão? Somos os Assassinos, Faheem. Os nossos intuitos são só nossos. Não pertencemos a ninguém.

Caiu um silêncio sobre a sala com um odor adocicado.

— Saladino está tão cauteloso connosco como nós em relação a ele — disse Al Mualim, após a reflexão. — Devíamos certificar-nos que ainda fica mais cauteloso.

Na manhã seguinte os sarracenos empurraram um aríete e uma torre de cerco pela colina principal acima. Enquanto os cavaleiros arqueiros turcos faziam investidas, saraivando a cidadela com setas, os sarracenos atacavam as muralhas exteriores com as suas máquinas de cerco, debaixo de fogo constante dos arqueiros Assassinos, bem como pedras e óleo que jorravam das torres de defesa. Os aldeãos tinham-se juntado à batalha, atingindo o inimigo com pedras a partir dos baluartes, apagando os fogos enquanto, nos portões principais, Assassinos corajosos faziam investidas pelos postigos das portas, repelindo a infantaria que tentava incendiá-las. O dia acabou com muitos mortos em ambos os lados, os sarracenos em retirada pela colina abaixo, as suas fogueiras a serem acesas para a noite, a reparação das suas máquinas de cerco, a montagem de outras mais.

Nessa noite houve uma grande agitação no acampamento e, de manhã, o pavilhão em cores fortes pertencente ao grande Saladino tinha sido desmontado e ele partira, levando consigo uma pequena força de guarda-costas.

Pouco tempo depois, o seu tio, Shihab Al'din, subiu a colina para se dirigir ao Mestre dos Assassinos.

— Sua majestade Saladino recebeu a vossa mensagem e agradece-vos gentilmente pela mesma — bradou o emissário. — Ele tem assuntos noutra lugar e partiu, deixando instruções para que Sua Excelência Shihab Aldin entre em conversações.

O emissário estava de pé ao lado do garanhão de Shihab, arqueando a mão sobre a boca para bradar até ao Mestre e aos seus generais que estavam reunidos na torre de defesa.

Uma pequena força de cerca de duzentos homens tinha subido a colina e uma liteira foi pousada por núbios. Apenas um guarda-costas para Shihab, que permanecia a cavalo. A sua face apresentava uma expressão serena, como se ele não estivesse mais preocupado com o resultado das conversações do que era devido. Vestia calças brancas largas, um colete e uma faixa vermelha torcida. Incrustada no seu turbante de um branco ofuscante havia uma jóia reluzente. Essa jóia teria um nome ilustre, pensou Al Mualim, observando-o do topo da sua torre. Chamar-se-ia a Estrela disto ou a Rosa daquilo. Os sarracenos gostavam de dar nomes assim às suas bugigangas.

— Por favor, comecem — bradou Al Mualim, pensando, em *negócios noutra lugar*, com um sorriso, recuando o pensamento até umas horas antes quando um Assassino tinha vindo aos seus aposentos, acordando-o e chamando-o à sala do trono.

— Umar, bem-vindo — tinha dito Al Mualim, embrulhando-se nas suas vestes, sentindo o frio da madrugada nos ossos.

— Mestre — respondera Umar em voz baixa e com a cabeça arqueada.

— Vieste contar-me sobre a tua missão? — disse-lhe Al Mualim. Acendeu um candeeiro a óleo preso por uma corrente, procurou a sua cadeira e sentou-se nela. As sombras passavam rapidamente pelo chão.

Umar acenou. Al Mualim reparou que ele tinha sangue na manga.

— As informações do nosso agente estavam correctas?

— Sim, Mestre. Entrei no acampamento deles e, tal como nos disseram, o pavilhão extravagante era falso. A tenda de Saladino estava perto, uns aposentos muito menos óbvios.

Al Mualim sorriu.

— Excelente, excelente. E como conseguiste identificá-la?

— Estava protegida, tal como nos tinha dito o nosso espião, com giz e cinzas espalhadas em toda a volta para que ouvissem os meus passos.

— Mas não ouviram?

— Não, Mestre, consegui entrar na tenda do Sultão e deixar a pena conforme as ordens.

— E a carta?

— Presa por um punhal ao seu caixote.

— E depois?

— Escapei-me da sua tenda...

— E?

Houve uma pausa.

— O Sultão acordou e fez soar o alarme. Mal consegui escapar com vida.

Al Mualim apontou para a manga de Umar manchada de sangue.

— E isso?

Vi-me obrigado a cortar uma garganta para conseguir escapar, Mestre.

— Um guarda? — perguntou Al Mualim, esperançado.

Umar acenou com pesar.

— Ele envergava o turbante e colete de um homem nobre.

Com isto, Al Mualim fechou os olhos cansados e desgostosos.

— Não havia outra opção?

— Agi precipitadamente, Mestre.

— Mas, tirando isso, a tua missão foi um sucesso?

— Sim, Mestre.

— Então veremos o que irá suceder — disse.

— Sim, Mestre.

O que sucedera fora a partida de Saladino e a visita de Shihab. E, de pé na sua torre, Al Mualim tinha-se permitido pensar que os Assassinos tinham prevalecido, que o seu plano tinha funcionado. A sua mensagem tinha alertado o Sultão que deveria abandonar a sua campanha contra os Assassinos, pois o próximo punhal seria cravado não no seu caixote, mas nos seus genitais. O simples facto de serem capazes de deixar o punhal teria mostrado ao monarca o quão vulnerável realmente estava. As suas poderosas forças não contavam para nada quando bastava um Assassino para con-

seguir contornar as suas armadilhas e guardas e esgueirar-se tão facilmente na sua tenda enquanto dormia.

E talvez Saladino tivesse mais amor pelos seus genitais que por continuar com uma longa e custosa guerra de desgaste contra um inimigo cujos interesses raramente chocavam contra os dele. Posto isto, partira.

— Sua Majestade Salah Al'din aceita a vossa oferta de paz — disse o emissário.

Na torre, Al Mualim partilhava um olhar espirituoso com Umar, que estava de pé a seu lado. Mais distante estava Faheem. Tinha os lábios cerrados.

— Temos a sua garantia que a nossa facção pode operar sem mais hostilidades e sem mais interferência nas nossas actividades? — perguntou Al Mualim.

— Desde que os interesses o permitam, tendes essa garantia.

— Então aceito a oferta de Sua Majestade — bradou Al Mualim, satisfeito. — Podem retirar os vossos homens de Maysaf. Se não for incómodo, reparem as nossas paliçadas antes de partirem.

— Ao ouvir isto, Shihab lançou um olhar fulminante na direcção da torre e, mesmo da altura em que se encontrava, Al Mualim conseguia ver a raiva a passar-lhe pelos olhos. Shihab inclinou-se de cima do seu cavalo para falar com o emissário que o ouvia, acenando. Depois, levou a mão à boca para se dirigir novamente a quem estava na torre.

— Durante a entrega da mensagem, um dos generais de maior confiança de Saladino foi morto. Sua majestade deseja ser compensado. A cabeça do culpado.

O sorriso fugiu da cara de Al Mualim. A seu lado, Umar estava rígido.

Não se ouvia nada. Apenas o bafo dos cavalos e o chilrear dos pássaros. Todos aguardavam para ouvir a resposta de Al Mualim.

— Podes dizer ao Sultão que eu rejeito a exigência.

Shihab franziu o sobrolho. Inclinou-se para falar com o emissário que, por sua vez, se dirigiu a Al Mualim.

— Sua Excelência deseja informar-vos que, a não ser que concordeis com a exigência, permanecerá uma força aqui em Maysaf e que a nossa paciência é maior que os vossos mantimentos armazenados. Quereis que o tratado de paz não sirva para nada? Fareis com que os vossos habitantes e soldados morram à fome? Tudo em troca da cabeça de um Assassino? Sua Excelência deseja profundamente que não.

— Eu vou — clamou Umar para Al Mualim. — O erro foi meu. É mais que justo ser eu a pagar por isso.

Al Mualim ignorou-o:

— Não vou ceder a vida de um dos meus homens — bradou para o emissário.

— Então Sua Excelência lamenta a vossa decisão e pede-vos que testemunheis um assunto a ser resolvido agora. Descobrimos um espião no nosso acampamento e ele deve ser executado.

Al Mualim susteve a respiração quando os sarracenos arrastaram o agente Assassino para fora da liteira. Atrás dele vinha um cepo que dois núbios colocaram no chão em frente ao cavalo de Shihab.

O nome do espião era Ahmad. Tinha sido agredido. A sua cabeça, maltratada, ferida e manchada de sangue, jazia sobre o peito enquanto ele era violentamente carregado para o cepo, arrastado pelos joelhos e virado ao contrário, de garganta para cima. O carrasco apareceu: um turco com uma cimitarra reluzente que levou ao chão, colocando ambas as mãos no cabo incrustado de jóias. Os dois núbios seguraram os braços de Ahmad. Ao gemer um pouco, o som chegou aos ouvidos dos Assassinos atordoados no alto da torre de defesa.

— Deixai que o vosso homem assuma a sua responsabilidade e a vida deste será poupada, o tratado de paz será honrado — bradou o emissário. — Caso contrário, ele morre, o cerco começa e o vosso povo morrerá à fome.

Subitamente, Shihab ergueu a cabeça para gritar.

— Queres este peso na tua consciência, Umar Ibn-La'Ahad?

Um dos Assassinos susteve a respiração. Ahmad tinha falado. Sob tortura, claro, mas tinha falado.

Al Mualim curvou os ombros.

Umar estava fora de si.

— Deixe-me ir — suplicou a Al Mualim. — Mestre, por favor.

Abaixo deles, o carrasco apoiava-se bem nas pernas abertas. Com duas mãos, levantou a espada sobre a cabeça. Ahmad empurrava inutilmente as mãos que o seguravam. A sua garganta estava esticada, exposta à lâmina. O promontório estava em silêncio à excepção dos seus gemidos.

— É a tua última oportunidade, Assassino — bradou Shihab.

A lâmina reluziu.

— *Mestre* — suplicou Umar, — deixe-me ir.

Al Mualim assentiu.

— *Parem!* — gritou Umar. Dirigiu-se para uma plataforma na torre, bradando para Shihab. — Sou Umar Ibn-La'Ahad. É a minha vida que devem tomar.

Deu-se uma onda de entusiasmo entre as fileiras dos sarracenos. Shihab sorriu e acenou. Deu uma indicação ao carrasco que parou, pousando a sua espada novamente.

— Muito bem — disse a Umar. — Vem, toma o teu lugar no cepo.

Umar virou-se para Al Mualim, que levantou a sua cabeça para o encarar com os olhos vermelhos.



— Mestre — disse Umar —, peço-lhe um último favor. Que se encarregue da educação de Altaïr. Aceite-o como seu aprendiz.

Al Mualim acenou.

— Claro que sim, Umar — disse. — Claro que sim.

Houve um silêncio por toda a cidadela enquanto Umar descia as escadas da torre e se encaminhava pela colina, através do barbacã, por debaixo do arco e até ao portão principal. Junto do postigo, uma sentinela avançou para o abrir e ele curvou-se para passar.

Veio um grito atrás dele:

— *Pai* — o som de passadas a correr.

Ele parou.

— *Pai*.

Podia ouvir a aflição na voz do seu filho e cerrou os olhos contra as lágrimas enquanto passava para lá do portão. A sentinela fechou-o nas suas costas.

Tiraram Ahmad do cepo e Umar tentou oferecer-lhe um olhar reconfortante, mas Ahmad não conseguiu olhar para ele enquanto estava a ser levado e largado do lado de fora do postigo. Este abriu-se e Ahmad foi arrastado para dentro. Fechou-se novamente nas suas costas. Umar foi agarrado em braços. Foi puxado para o cepo e deitado da mesma maneira que Ahmad. Expôs a sua garganta e olhou para o carrasco que se erguia alto por cima de si. Para lá do carrasco havia o céu.

— *Pai* — ouviu de dentro da cidadela, quando a lâmina reluzente desceu a cortar o ar.

Dois dias depois, protegido pela escuridão, Ahmad abandonou a fortaleza. Na manhã seguinte, quando se descobriu que tinha desaparecido, houve quem se interrogasse como tinha ele sido capaz de deixar o seu filho sozinho - A mãe tinha morrido de febre dois anos antes. Outros diziam que a vergonha era demasiado grande para ele, que tinha sido essa a razão que o obrigara a partir.

A verdade era completamente diferente.

## 4

20 de Junho de 1257

Esta manhã acordei com Maffeo a abanar o meu ombro; de uma forma muito pouco gentil, devo dizer. No entanto, a sua insistência deveu-se a algum interesse pela minha história. Devia ficar satisfeito ao menos por isso.

— Então? — disse ele.

— Então o quê? — Se pareci estar sonolento, bom, é porque estava.

— Então o que aconteceu a Ahmad?

— Isso acabei por descobrir mais tarde, irmão.

— Então diz-me.

Enquanto me sentava na cama, pensei um pouco sobre o assunto.

— Penso que o melhor será contar-te as histórias tal como me foram contadas — disse eu, por fim. — Altaïr, embora esteja a ficar velho, é um excelente contador de histórias. Penso que irei seguir a sua narrativa. E o que te contei ontem foi grande parte do nosso primeiro encontro. Um episódio que aconteceu quando eu tinha apenas onze anos.

É traumático para qualquer criança — reflectiu Maffeo. — O que aconteceu à sua mãe?

— Morreu no parto.

— Altaïr ficou órfão aos onze anos?

— De facto.

— O que lhe aconteceu?

— Bom, tu sabes o que aconteceu. Ele está sentado no alto da sua torre e...

— Não, quero dizer o que lhe aconteceu *a seguir*?

— Para isso também terás de esperar, irmão. Na vez seguinte que vi Altaïr, ele avançou a sua narrativa quinze anos, para um dia em que ele se encontrava a deambular na escuridão das catacumbas ensopadas debaixo de Jerusalém...

Decorria o ano de 1191, mais de três anos depois de Saladino e os seus

sarracenos terem capturado Jerusalém. Em resposta, os Cristãos tinham rangido os dentes, batido com os pés e taxado o seu povo para financiar a Terceira Cruzada. E, de novo, homens em cota de malha marcharam para a Terra Santa e montaram cerco às suas cidades.

O Rei Ricardo de Inglaterra, aquele a quem chamavam Coração de Leão, tão cruel como era corajoso, tinha capturado recentemente Acre. Mas o seu maior desejo era reconquistar Jerusalém, um local sagrado. E não havia nenhum sítio em Jerusalém mais sagrado que o Monte do Templo e as ruínas do Templo de Salomão, na direcção do qual Altaïr, Malik e Kadar se esgueiravam.

Moviam-se rápida mas secretamente, encostando-se às paredes dos túneis, com botas macias que mal agitavam a areia. Altaïr ia à frente, Malik e Kadar a uns passos atrás. Todos tinham os sentidos virados para o que os rodeava e a sua pulsação acelerava à medida que se aproximavam do Monte. As catacumbas, com milhares de anos, tinham todo o aspecto disso. Altaïr conseguia ver a areia e o pó a cair por entre suportes de madeira pouco seguros enquanto, debaixo dos pés, o chão estava macio da areia molhada pela água que escorria regularmente vinda de cima devido a algum curso de água próximo. O ar estava impregnado do cheiro de enxofre das lanternas embebidas em betume que cobriam as paredes do túnel.

Altaïr foi o primeiro a ouvir o padre. É claro que seria ele. Ele era o líder, o Mestre Assassino. As suas capacidades eram superiores, os seus sentidos mais aguçados. Parou. Tocou na orelha, depois levantou a mão e os três ficaram imóveis, como espectros na passagem. Quando olhou para trás, aguardavam pela sua ordem seguinte. Os olhos de Kadar brilhavam em antecipação, os de Malik estavam atentos e duros.

Os três sustiveram a respiração. À sua volta, a água escorria e Altaïr ouvia atento o balbuciar do padre.

A falsa devoção de um Templário.

Agora Altaïr colocara as suas mãos atrás das costas e rodou o pulso para agarrar a lâmina, sentindo a resistência familiar no mecanismo do anel que usava no dedo mindinho. Cuidava da lâmina para que o barulho que fazia quando desembainhada fosse quase inaudível. Desembainhou-a em simultâneo com a queda das gotas de água por precaução.

Plop... plop... *snick*.

Esticou os braços e a lâmina na mão esquerda brilhou contra a luz trémula da tocha, sedenta de sangue.

De seguida, Altaïr encostou-se à parede do túnel e avançou silenciosamente, contornando uma ligeira curva até conseguir ver o padre ajoelhado no túnel. Trazia as vestes de um Templário, o que só queria dizer que

haveria outros mais à frente, provavelmente dentro das ruínas do Templo. Sem dúvida à procura do seu tesouro.

O seu coração pulou. Era tal como ele pensara. O facto de a cidade estar sob o domínio de Saladino não iria impedir os homens da cruz vermelha. Também eles tinham assuntos no Monte. Que assuntos teriam? Altaïr tinha a intenção de descobrir, mas primeiro...

Primeiro havia que tratar do padre.

Acocorado, colocou-se por detrás do homem ajoelhado, que continuava a rezar sem saber da morte que se aproximava. Inclinando-se sobre o pé da frente e dobrando o joelho ligeiramente, Altaïr levantou a lâmina e puxou a mão atrás, pronta para atacar.

— *Espera!* — sussurrou Malik atrás dele. — Tem de haver uma alternativa... Este não precisa de morrer.

Altaïr ignorou-o. Num único movimento agarrou o ombro do padre com a mão direita e com a esquerda cravou a ponta da lâmina na sua nuca, dilacerando entre o crânio e a primeira vértebra da espinha dorsal, cortando-a.

O padre não teve tempo para gritar; a sua morte foi quase instantânea. Quase. O seu corpo contorceu-se e enrijeceu, mas Altaïr segurou-o com firmeza, sentindo a sua vida esvaír-se à medida que o segurava com um dedo na artéria carótida. O corpo relaxou lentamente e Altaïr deixou-o cair silenciosamente no chão onde agora jazia numa poça de sangue manchada pela areia.

Tinha sido rápido e silencioso. Mas, quando Altaïr retirou a lâmina, viu a forma como Malik olhava para ele e o seu olhar sentencioso. Só podia reprimir um sorriso de gozo face à fraqueza de Malik. Pelo contrário, o irmão de Malik, Kadar, ainda agora olhava para o corpo do padre com uma mistura de espanto e admiração.

— Uma morte excelente — disse sem fôlego. — A fortuna abençoa a tua lâmina.

— Não é fortuna — gabou-se Altaïr —, é perícia. Observa durante mais algum tempo e serás capaz de aprender alguma coisa.

Enquanto dizia isto, observou Malik cuidadosamente, vendo os olhos do Assassino incendiarem-se de raiva, sem dúvida por inveja do respeito que Kadar tinha por Altaïr.

Previsivelmente, Malik virou-se contra o irmão:

— Certamente. Ele ensinar-nos-á como ignorar tudo o que o Mestre nos ensinou.

Altaïr zombou novamente.

— E como agirias tu?

— Eu não atrairia as atenções em nós. Não tiraria a vida de um inocente.

Altair suspirou.

— Não interessa como completamos a nossa missão, apenas que a façamos.

— Mas essa não é a maneira... — começou Malik.

Altair encarou-o fixamente.

— A minha maneira é melhor.

Por um instante, os dois homens olharam-se mutuamente. Mesmo na escuridão do túnel frio e húmido, Altair conseguia ver a insolência e o ressentimento nos olhos de Malik. Sabia que teria de tomar cuidado com isso. Parecia que o jovem Malik era um inimigo em preparação.

Mas se tinha o intuito de usurpar o lugar de Altair, Malik obviamente decidira que aquele não era o momento certo para se impor.

— Vou inspeccionar em frente — disse. — Vou tentar não nos desonrar ainda mais.

Altair decidiu que o castigo para esta insubordinação em particular teria que aguardar, enquanto Malik partia à frente pelo túnel na direcção do Templo.

Kadar deixou-o partir, depois virou-se para Altair.

— Qual é a nossa missão? — perguntou. — O meu irmão não me quis dizer nada, a não ser que me devia sentir honrado de ter sido convidado.

Altair observou o rapaz entusiástico.

— O Mestre pensa que os Templários encontraram algo debaixo do Monte do Templo.

— Um tesouro? — disse Kadar a salivar.

— Não sei. A única coisa que importa é que o Mestre considera isto importante, caso contrário não me teria pedido para o obter.

Kadar acenou e, com um gesto de Altair, correu para se juntar ao irmão, deixando Altair sozinho no túnel. Este olhou para baixo em meditação, para o corpo do padre, com uma auréola de sangue na areia em volta da sua cabeça. Talvez Malik tivesse razão. Havia outras formas de silenciar o padre; ele não tinha de morrer. Mas Altair matara-o porque...

Porque podia.

Porque ele era Altair Ibn-La'Ahad, filho de um pai Assassino. O mais capaz de todos os da Ordem. Um Mestre Assassino.

Continuou o caminho, chegando a um conjunto de fendas carregadas de névoa nas suas profundezas. Saltou com facilidade para a primeira viga, aterrando com ligeireza e encolhendo-se como um gato, respirando pausadamente e apreciando as suas próprias capacidades físicas e atléticas.

Saltou para a seguinte e para a outra, depois chegou onde Malik e Kadar aguardavam de pé por ele. Mas, em vez de se dirigir a eles, passou por eles em corrida, em passadas que não eram mais que um murmúrio e

mal agitavam a areia. À sua frente havia uma escada alta e percorreu-a em corrida, subindo-a rápida e silenciosamente, abrandando apenas quando chegou ao topo, onde parou para ouvir e cheirar o ar.

De seguida, muito lentamente, levantou a cabeça para ver uma câmara elevada e ali, como já esperava, estava um guarda de pé, de costas para ele, envergando o uniforme dos Templários: uma túnica almofadada, polainas, cota de malha e espada à cintura. Altaïr, silencioso e imóvel, estudou-o por um instante, tomando nota da sua postura, do arquear dos seus ombros. Ótimo. Ele estava cansado e distraído. Seria fácil calá-lo.

Vagarosamente, Altaïr elevou-se para o chão onde se acorou por um instante, acalmando a respiração e olhando para o Templário cuidadosamente, antes de se levantar por detrás dele. Endireitou e subiu as mãos, a esquerda como uma garra, a direita pronta para se alongar e calar o guarda.

De seguida atacou, girando o punho para desembainhar a lâmina, que se soltou para a frente no mesmo instante em que a cravou na coluna do guarda, segurando-o com a sua mão direita para abafar o grito do homem.

Ficaram juntos num abraço macabro por um segundo; Altaïr podia sentir os restos do último grito abafado da vítima. Depois, o guarda encolheu-se e Altaïr pousou-o cuidadosamente no chão, inclinando-se para fechar as suas pálpebras. Tinha sido severamente castigado pelo seu falhanço como vigia, pensou Altaïr sombriamente enquanto se erguia sobre o corpo e se afastava, juntando-se a Malik e Kadar que se esgueiravam debaixo da arcada que tinha sido tão mal defendida.

Após terem atravessado, encontraram-se num nível superior de uma ampla divisão e, por um momento, Altaïr parou para a absorver, sentindo-se subitamente atemorizado. Estas eram as ruínas do lendário Templo de Salomão, construídas supostamente em 960 AC pelo Rei Salomão. Se Altaïr estivesse certo, estariam agora defronte da casa maior do Templo, o seu Local Sagrado. Escritos antigos falavam do Local Sagrado como tendo as paredes cobertas por cedro, querubins esculpidos, palmeiras e flores abertas com relevos em ouro. Mas o Templo era agora uma sombra do que fora outrora. Já não havia a ornamentação em madeira, os querubins e os acabamentos em ouro. Altaïr não sabia para onde teriam sido levados, embora não tivesse qualquer dúvida que os Templários tinham desempenhado algum papel nisso. Ainda assim, mesmo vazio da sua ornamentação, continuava a ser um local de veneração e, contra todas as suas expectativas, Altaïr sentiu-se maravilhado por o ver.

Atrás de si os seus dois companheiros estavam ainda mais deslumbrados.

— Ali, aquela deve ser a Arca — disse Malik, apontando para o outro lado da câmara.

— A Arca da Aliança — arfou Kadar, vendo-a também.

Altaïr tinha-se recomposto da surpresa e olhou para os dois homens que pareciam um par de comerciantes tontos fascinados por verem uma bugiganga brilhante, *Arca da Aliança*?

— Não digam disparates — repreendeu-os. — Tal coisa não existe. É apenas uma história.

No entanto, olhando de novo, não tinha tanta certeza. A caixa realmente tinha todas as características da lendária Arca. Era tal como os profetas sempre a tinham descrito: totalmente forrada a ouro, uma tampa dourada adornada com um querubim e anéis para inserir os varões que seriam usados para a transportar. E Altaïr apercebeu-se que tinha qualquer coisa, tinha uma aura...

Afastou o olhar com dificuldade. Havia assuntos mais importantes a tratar, nomeadamente os homens que tinham acabado de entrar no nível inferior, as suas botas a pisar o que tinha, em tempos, sido um soalho de abeto, mas era agora pedra fria. Eram Templários, com o seu líder já a cuspir ordens.

— Quero-a fora do portão antes do nascer do sol — disse-lhes, referindo-se sem dúvida à Arca. — Quanto mais rapidamente a tivermos em nossa posse, mais rapidamente podemos virar a nossa atenção para aqueles chacais em Maysaf.

Falava com um sotaque francês e, ao se aproximar da luz, distinguiram a sua capa: a de um Grão-Mestre dos Templários.

— Robert de Sablé — disse Altaïr. — A sua vida é minha.

Malik enfrentou-o com ira:

— *Não*. Pediram-nos que recuperássemos o tesouro e tratássemos de Robert *apenas* se necessário.

Altaïr, cansado das provocações constantes de Malik, virou-se contra ele.

— Ele está entre nós e o tesouro — sussurrou com irritação. — Eu diria que é necessário.

— Discrição, Altaïr — insistiu Malik.

— Queres dizer cobardia. Aquele homem é o nosso maior inimigo. E aqui temos nós uma oportunidade para nos livrarmos dele.

Ainda assim, Malik argumentava:

— Já quebraste dois princípios do nosso Credo. Agora queres quebrar o terceiro. Não exponhas a Irmandade.

Altaïr explodiu finalmente:

— Sou teu superior, tanto em título como em capacidade. Devias saber que não deves questionar-me.

E, com isto, virou-se, descendo rapidamente a primeira escada para um terraço inferior, depois para o chão e encaminhando-se com confiança na direcção do grupo de cavaleiros.

Eles viram-no chegar e viraram-se para o enfrentar, com as mãos nos punhos das espadas e com um ar decidido. Altaïr sabia que eles o observariam, que estariam a olhar para um Assassino, enquanto este voava pelo patamar na sua direcção, com a cara escondida pelo capuz, as suas vestes e fita vermelha a esvoaçar à sua volta, a espada à cintura e os punhos das suas espadas curtas por cima do seu ombro direito. Ele sabia do medo que eles estariam a sentir.

E, por sua vez, ele observava-os a eles, avaliando mentalmente cada homem; quantos deles eram destros, quantos eram canhotos a lutar com a espada; quem tinha a constituição para ser rápido e quem era o mais forte. Tomou especial atenção com o seu líder.

Robert de Sablé era o maior de todos eles, o mais poderoso. Tinha a cabeça rapada e apresentava anos de experiência marcados na cara, contribuindo cada um deles para a sua lenda, a de que era um cavaleiro tão afamado pelas suas capacidades como pela sua crueldade e brutalidade. Se uma coisa Altaïr sabia era que, de todos os homens ali presentes, este era de longe o mais perigoso e teria de ser neutralizado em primeiro lugar.

Ouviu Malik e Kadar descenderem das escadas e olhou para trás para os ver a seguirem o seu exemplo. Kadar engoliu em seco, nervoso; Malik fulminou-o com um olhar desaprovador. Os Templários contraíram-se ainda mais ao verem mais dois Assassinos e os números mais equilibrados. Quatro deles ladearam de Sablé, com cada homem em alerta e o ar carregado de medo e antecipação.

— Alto, Templários — bradou Altaïr quando já estava suficientemente perto dos cinco cavaleiros. Dirigiu-se a de Sablé, que estava de pé com um sorriso amarelo nos lábios e as mãos caídas de lado. Era o oposto dos seus companheiros, prontos para combater. Estava relaxado, como se a presença dos três Assassinos tivesse pouco significado para si. Altaïr iria fazê-lo pagar por tamanha arrogância.

— Não és o único com assuntos a tratar aqui — acrescentou.

Os dois homens mediram-se mutuamente. Altaïr moveu a sua mão direita, como se para agarrar no punho da espada à sua cintura com o objectivo de manter a atenção de de Sablé ali quando, na realidade, a morte iria esgueirar-se sem dificuldade pela esquerda. “Sim”, decidiu. Fingir com a direita, atacar com a esquerda. Ao despachar Robert de Sablé com a lâmina, os seus homens fugiriam, deixando os Assassinos recuperarem o tesouro. Todos falariam da grande vitória de Altaïr sobre o Grão-Mestre dos Templários. Malik, esse covarde, seria silenciado e o seu irmão novamente



maravilhado. Após o seu regresso a Maysaf, os membros da Ordem reverenciá-lo-iam e Al Mualim honrá-lo-ia pessoalmente, ficando assegurado o caminho para a posição de Mestre.

Altaïr olhou nos olhos do seu oponente. Imperceptivelmente, dobrou a mão esquerda para testar a tensão do mecanismo da lâmina. Estava pronto.

— E que queres tu? — perguntou de Sablé, com aquele sorriso despreocupado de sempre.

— Sangue — disse simplesmente Altaïr e atacou.

Com uma velocidade sobre-humana, saltou na direcção de de Sable. Expeliu a lâmina no mesmo momento, fingindo com a sua mão direita e, com a esquerda, atacou tão rápida e mortalmente como uma cobra.

Mas o Grão-Mestre dos Templários era mais rápido e mais astuto do que Altaïr tinha previsto. Agarrou no Assassino a meio do ataque, com aparente facilidade, de modo que Altaïr foi impedido de continuar, incapaz de se mover e repentinamente, para seu horror, indefeso.

Naquele momento Altaïr apercebeu-se que tinha cometido um grande erro. Um erro fatal. Naquele momento soube que não era de Sablé quem era arrogante, era ele próprio. De repente, já não sentia ser Altaïr, o Mestre Assassino. Sentia-se como uma criança fraca e indefesa. Pior, era uma criança fanfarrona.

Debateu-se e apercebeu-se que mal se conseguia mover com de Sable a segurá-lo facilmente. Sentiu um forte acesso de vergonha, pensando em como Malik e Kadar o veriam a ser subjugado. A mão de de Sablé apertou a sua garganta e viu-se com falta de ar à medida que o Templário empurrava a sua cara para a frente. As veias na sua testa latejavam.

— Não conheces as coisas em que te metes, Assassino. Poupo-te a vida apenas para que possas voltar ao teu Mestre e entregar uma mensagem: A Terra Santa está perdida para ele e para os seus. Ele deve fugir agora, enquanto pode. Se ficar, todos vós irão morrer.

Altaïr sufocava e cuspiu, com a visão a fugir e a lutar para não perder os sentidos enquanto de Sablé o torcia com a facilidade de quem pega num recém-nascido e o atirou contra a parede do fundo da câmara. Altaïr embateu contra a pedra antiga e pelo vestíbulo adentro localizado no outro lado, onde permaneceu, atordoado, por um momento, ouvindo as vigas cair e os gigantescos pilares da câmara a desabarem. Olhou para cima e viu que a sua entrada para o Templo estava bloqueada.

Do outro lado, ouviu gritos. Era de Sablé a exclamar:

— Homens, às armas. *Matem os Assassinos!*

Apressou-se a levantar-se e correu para os destroços, na tentativa de

encontrar uma passagem. Com a vergonha e a prostração a ferirem-lhe o espírito, ouviu os berros de Malik e Kadar, os seus gritos ao morrerem e, finalmente, cabisbaixo, virou-se e dirigiu-se para fora do Templo de modo a viajar para Maysaf e levar as notícias ao Mestre.

As notícias eram que ele tinha falhado. Que ele, o grande Altaïr, tinha trazido desonra para a Ordem.

Quando emergiu finalmente das entranhas do Monte do Templo, fê-lo para a luz forte do sol e para a cidade de Jerusalém que fervilhava com vida. Mas Altaïr nunca se sentira tão só.

Altair chegou a Maysaf após uns cansativos cinco dias a cavalo, durante os quais teve tempo suficiente para reflectir sobre o seu falhanço. E foi assim que, com o coração pesado, chegou aos portões, lhe foi dada entrada pelo guarda e se encaminhou para os estábulos.

Ao desmontar e sentir os seus músculos doridos finalmente a relaxar, entregou o seu cavalo ao rapaz da estrebaria, depois parou junto ao poço para beber um pouco de água. Primeiro deu uns goles, depois atirou-a para a cara, limpando o pó da cara com gosto. Ainda assim, continuava a sentir a sujidade da viagem no corpo. As suas vestes caíam-lhe no corpo pesadas e sujas e ele mal podia esperar para se lavar nas águas espelhadas de Maysaf, escondidas num recanto do rochedo. Tudo o que ele desejava agora era isolamento.

À medida que atravessava os arredores da aldeia, a sua atenção virou-se para cima; para lá das cabanas dos estábulos e do mercado cheio de gente, na direcção dos caminhos serpenteantes que levavam aos baluartes da fortaleza dos Assassinos. Aqui era onde a Ordem treinava e vivia sob as ordens de Al Mualim, cujos aposentos se encontravam no centro das torres bizantinas da cidadela. Ele podia ser visto frequentemente a olhar pela janela da sua torre, absorto no pensamento, e Altair imaginou-o ali naquele momento, a olhar para a aldeia em baixo. A aldeia que estava cheia de vida, clara da luz do sol e barulhenta do comércio. A aldeia da qual, dez dias antes, Altair tinha partido para Jerusalém com Malik e Kadar, planeando regressar como um herói triunfante.

Nunca, nem na imaginação mais negra, ele tinha previsto falhar. E, no entanto...

Um Assassino saudou-o enquanto ele cruzava o mercado salpicado por raios solares e Altair compôs-se, endireitando os ombros e erguendo a cabeça, procurando invocar de dentro de si o grande Assassino que tinha partido de Maysaf, em vez do palerma de mãos a abanar que tinha regressado.

Era Rauf, e o coração de Altaïr afundou-se ainda mais, se tal fosse possível, o que ele sinceramente duvidava. De todas as pessoas para o cumprimentar no seu regresso, tinha de ser Rauf, que venerava Altaïr como a um deus. Era como se o jovem estivesse à sua espera, ignorando a passagem do tempo junto a uma fonte de pedra. De facto, ele admirava-o mesmo agora, com os olhos bem abertos e expectantes, abstraído da aura de derrota que Altaïr sentia à sua volta.

— Altaïr, regressaste — Ele estava radiante, feliz como um cachorro por o ver.

Altaïr acenou vagarosamente. Observou enquanto, atrás de Rauf, um velho comerciante se refrescava na bica da fonte e, de seguida, cumprimentava uma jovem que tinha chegado com um recipiente com ornamentações de gazelas. Ela colocou-o no muro rasteiro que rodeava a fonte e começaram a falar. A mulher gesticulava animada. Altaïr invejava-os. Invejava ambos.

— É bom ver que voltaste ileso — continuou Rauf. — A tua missão foi um sucesso, não?

Altaïr ignorou a pergunta, ainda a olhar para as pessoas junto à fonte. Estava com dificuldade para encarar Rauf.

— O Mestre está na torre? — perguntou por fim, afastando o olhar.

— Sim, sim — Rauf franziu o sobrolho, como se tentasse adivinhar o que se passava de errado com ele. — Enterrado nos livros, como sempre. Com certeza estará à tua espera.

— Obrigado, irmão.

E com isto deixou Rauf e o rebuliço dos aldeãos junto à fonte e encaminhou-se para lá das cavaliças cobertas e carros com feno e bancadas. Para lá do pavimento chegou até ao piso em terra seca e poeirenta que se inclinava abruptamente para cima. A relva sedenta de água quebrava-se ao sol. Todos os caminhos levavam ao castelo.

Nunca tinha sentido tanta coisa debaixo da sombra do castelo e apercebeu-se que estava a cerrar os punhos enquanto atravessava o patamar e foi recebido pelos guardas na entrada da fortaleza, as suas mãos nos punhos das espadas e os seus olhares atentos.

Agora, tinha chegado à grande arcada que conduzia à barbacã e, mais uma vez, o seu coração afundou-se quando viu uma figura conhecida lá dentro: Abbas.

Abbas estava de pé debaixo de uma tocha que afugentava a pouca escuridão que havia dentro da arcada. Estava encostado contra a pedra tosca e escura, de cabeça destapada, de braços cruzados e com a espada à cintura. Altaïr parou e, por um instante, os dois homens olharam-se enquanto os aldeões passavam à sua volta, abstraídos da

velha animosidade que se renovava ali entre os dois Assassinos. Em tempos tinham-se tratado por irmãos. Mas esses tempos tinham passado há muito.

Abbas sorriu com lentidão, jocosamente.

— Ah. Ele voltou, por fim — olhou severamente por cima do ombro de Altaïr. — Onde estão os outros? Cavalgaste à frente, na esperança de seres o primeiro a chegar? Eu sei que detestas partilhar a glória.

Altaïr não respondeu.

— Quem cala, consente — acrescentou Abbas, ainda na tentativa de o espicaçar, fazendo-o com toda a artimanha de um adolescente.

— Não tens nada melhor para fazer? — suspirou Altaïr.

— Trago ordens do Mestre. Ele espera por ti na biblioteca — disse Abbas, dando passagem a Altaïr. — É melhor despachares-te. Com certeza estás ansioso por lambe as suas botas.

— Mais uma palavra — retorquiu Altaïr — e é a minha lâmina que lambe a tua garganta.

Abbas respondeu:

— Vai haver tempo de sobra para isso mais tarde, *irmão*.

Altaïr deu-lhe um encontrão e continuou para o pátio de treino, seguindo para a entrada da torre de Al Mualim. Os guardas fizeram-lhe uma vénia com a cabeça, mostrando-lhe o respeito que um Mestre Assassino merecia por direito e ele acenou-lhes de volta, consciente que em breve, assim que se espalhasse a notícia, o respeito deles por si seria apenas uma lembrança.

Mas primeiro teria que dar as terríveis notícias a Al Mualim e subiu os degraus da torre que davam para o quarto do Mestre. Aqui, a divisão estava quente, o ar pesado com o seu odor doce, como era habitual. Partículas de pó dançavam em poços de luz vindos da grande janela do lado oposto onde o Mestre estava de pé, com as mãos cruzadas atrás das costas. Era o seu mestre. O seu mentor. Um homem que ele venerava acima de todos os outros.

Altaïr tinha-lhe falhado.

Num canto, os pombos-correio do Mestre arrulhavam baixinho nas suas gaiolas e, à volta dele, estavam os seus livros e manuscritos; milhares de anos da literatura e conhecimento dos Assassinos ou em prateleiras ou empilhados em montes instáveis e poeirentos. As suas vestes luxuosas cobriam-no, soltas, o seu cabelo comprido caía sobre os ombros e estava, como de costume, contemplativo.

— Mestre — disse Altaïr, quebrando o silêncio pesado. Baixou a cabeça. Sem dizer nada, Al Mualim virou-se e dirigiu-se para a sua secretária,

cheia de pergaminhos no chão à sua volta. Olhou para Altaïr com um olhar duro e penetrante. A sua boca, escondida por entre a sua barba cinzenta e branca, não revelava qualquer emoção até que, por fim, falou, pedindo ao seu aluno:

— Aproxima-te. Fala-me da tua missão. Estou certo que recuperaste o tesouro dos Templários...

Altaïr sentiu um fio de suor a descer-lhe da testa para a cara.

— Houve alguns problemas, Mestre. Robert de Sablé não estava sozinho.

Al Mualim desvalorizou a ideia.

— Quando é que o nosso trabalho corre conforme o esperado? É a nossa capacidade de nos adaptarmos que faz com que sejamos quem somos.

— Desta vez, não foi suficiente.

Al Mualim demorou um segundo a interiorizar as palavras de Altaïr. Saiu detrás da secretária e, ao falar a seguir, a sua voz era ríspida.

— O que queres dizer?

Altaïr viu-se obrigado a expulsar as palavras.

— Falhei-vos.

— O tesouro?

— Perdemos-lo.

O ambiente na sala mudou. Parecia ter-se intensificado e estalar como se fosse quebradiço, e houve uma pausa antes de Al Mualim falar novamente.

— E Robert?

— Escapou.

Esta palavra caiu como uma pedra no espaço cada vez mais negro.

Agora, Al Mualim aproximou-se de Altaïr. O seu único olho brilhava com raiva, mal controlava a sua voz, a sua fúria enchia a sala.

— Eu envio-te, o meu melhor homem, para completar uma missão mais importante que qualquer outra antes desta e tu regressas sem nada a não ser desculpas e perdões?

— Eu fiz...

— *Não fales* — a sua voz estalava como um chicote — *Nem mais uma palavra*. Isto não é o que eu esperava. Temos de reunir outra força para...

— Eu juro-vos que o encontrarei. Eu vou e... — começou a dizer Altaïr, que estava já desesperado para se encontrar de novo com de Sablé. Desta vez, o desfecho seria muito diferente.

Agora Al Mualim olhava à sua volta, como se só naquele momento se tivesse recordado que, quando Altaïr tinha partido de Maysaf, tinha-o feito com dois companheiros.

— Onde estão Malik e Kadar? — questionou.  
Uma segunda gota de suor desceu da t mpora de Alt ir ao mesmo tempo que respondeu:  
— Mortos.  
— *N o* — veio uma voz por det r s deles. — Mortos, n o!  
Al Mualim e Alt ir viraram-se e viram um fantasma.

## 6

Malik estava à entrada dos aposentos do Mestre, de espada em riste; uma figura ferida, ensopada em sangue e exausta. As suas vestes originalmente brancas estavam raiadas de entranhas, a maioria à volta do seu braço esquerdo, que parecia estar gravemente ferido e caía a seu lado inutilmente, coberto de sangue negro ressequido.

Quando se moveu para entrar na divisão, arqueou o ombro ferido e coxeou ligeiramente. Mas se o seu corpo estava combalido, era certo que o seu espírito não estava. Os seus olhos brilhavam, incendiados com raiva e ódio; um ódio que dirigia a Altaïr num olhar tão intenso que Altaïr mal conseguiu olhar de volta.

— *Eu*, pelo menos, ainda estou vivo — rosnou Malik, com os olhos raiados de sangue a transbordar de acusação e fúria enquanto olhava para Altaïr. Respirava sofregamente e com dificuldade. Os seus dentes estavam ensanguentados.

— E o teu irmão? — perguntou Al Mualim.

Malik abanou a cabeça.

— Morreu.

Num pestanejar, o seu olhar desceu para o chão de pedra. Depois, numa súbita explosão de energia colérica, elevou a cabeça, semicerrou os olhos e levantou um dedo trémulo para apontar para Altaïr.

— *Por tua causa* — murmurou.

— Robert atirou-me para fora da sala — as desculpas de Altaïr pareciam fracas, mesmo aos seus próprios ouvidos; *especialmente* aos seus próprios ouvidos. — Não havia maneira de voltar. Não havia nada que eu pudesse fazer...

— Porque não querias ouvir os meus avisos — gritou Malik, numa voz rouca. — Tudo isto poderia ter sido evitado. E o meu irmão... o meu irmão estaria vivo. A tua arrogância quase nos custou a vitória hoje.

— Quase? — disse Al Mualim cuidadosamente.



Acalmando-se, Malik acenou, com uma réstia de sorriso nos lábios. Era um sorriso dirigido a Altaïr, pois naquele momento chamou outro Assassino, que apareceu, apresentando uma caixa num tabuleiro dourado.

— Eu tenho o que o vosso favorito falhou em encontrar — disse Malik.

A sua voz era tensa e ele estava fraco, mas não havia nada que pudesse estragar o seu momento de triunfo sobre Altaïr.

Altaïr, que sentiu o seu mundo a desabar à sua volta, viu o Assassino pousar o tabuleiro sobre a secretária de Al Mualim. A caixa estava coberta de runas antigas e tinha qualquer coisa de diferente... uma aura. Dentro dela certamente estaria o tesouro. Tinha de ser. O tesouro que Altaïr não tinha conseguido recuperar.

O olho bom de Al Mualim brilhava bem aberto. Os seus lábios separados, a sua língua espetada no meio da boca. Estava hipnotizado pela visão da caixa e pela imaginação do que estaria dentro dela. Subitamente, veio um reboliço do lado de fora. Gritos. Passadas em corrida. O som inconfundível de aço a chocar com aço.

— Parece que voltei com mais do que o tesouro — reflectiu Malik, ao mesmo tempo que um mensageiro irrompeu no quarto, esquecendo-se de qualquer protocolo e exclamando sem fôlego:

— Mestre, estamos a ser atacados. Robert de Sablé cerca a aldeia de Maysaf.

Al Mualim regressou do seu devaneio, com vontade de enfrentar de Sablé.

— Então ele procura uma batalha, não é? Muito bem. Não o vou negar. Vai. Informa os outros. A fortaleza tem de estar preparada.

Agora, virou a atenção para Altaïr e o seu olho fulminava-o enquanto falava.

— Quanto a ti, Altaïr, a nossa conversa terá de esperar. Deves dirigir-te para a aldeia. Destrói esses invasores. Expulsa-os de nossa casa.

— Assim farei — disse Altaïr, que não podia deixar de se sentir aliviado face a esta súbita mudança nos acontecimentos. De alguma forma, o ataque à aldeia era preferível a ter que suportar mais desta humilhação. Tinha caído em desgraça em Jerusalém. Agora tinha a oportunidade de corrigir o erro.

Saltou do terraço atrás dos aposentos do Mestre para a pedra macia e correu da torre, grato por ir combater. Enquanto corria pelo pátio de treinos e atravessava os portões principais, questionava-se se a sua morte agora não seria a escapatória que ele desejava. Seria uma boa morte? Uma morte nobre e com orgulho?

Seria suficiente para o absolver?

Desembainhou a espada. Os sons da batalha estavam agora mais pró-

ximos. Ele conseguia ver os Assassinos e os Templários em luta na parte mais alta junto ao castelo enquanto, mais abaixo no monte, os aldeãos fugiam sob a força do ataque, com corpos já a encher as colinas.

Depois, foi atacado. Um cavaleiro Templário apossou-o, rosnando, e Altaïr girou, deixando que os seus instintos tomassem conta de si. Levantou a espada para se defender do cristão que se atirava sobre ele rápida e violentamente, com a espada a chocar contra a lâmina de Altaïr, aço contra aço. Mas Altaïr estava seguro, com os pés firmemente espaçados no chão. A linha do corpo era perfeita e o ataque do Templário mal o demoveu. Atirou para o lado a espada do outro, utilizando o peso da enorme espada larga contra o cavaleiro, cujo braço abanou inutilmente por um segundo que Altaïr usou para dar um passo em frente e mergulhar a sua lâmina no estômago do homem.

O Templário tinha vindo contra ele confiante numa morte fácil. Fácil como a dos aldeãos que já tinha massacrado. Enganara-se. Com o aço ainda nas suas entranhas, cuspiu sangue e os seus olhos abriram-se de dor e espanto enquanto Altaïr arrancou a lâmina para cima, partindo o seu torso ao meio. Caiu, com os intestinos a espalharem-se no chão.

De seguida, Altaïr lutava com puro veneno, libertando toda a sua frustração nos seus golpes de espada, como se pudesse pagar pelos seus crimes com o sangue dos seus inimigos. O Templário seguinte trocou golpes com ele, procurando resistir até que Altaïr o repeliu, mudando instantaneamente a postura dele, de ataque para defesa e, de seguida, para uma defesa de tal forma desesperada que mesmo enquanto se esquivava, soluçava em antecipação da sua própria morte.

Altaïr simulou, girou e a sua lâmina cortou rapidamente a garganta do cristão, que se abriu e jorrou sangue pelo uniforme abaixo, manchando-o de um vermelho tão vivo como o da cruz que tinha no peito. Caiu de joelhos e, de seguida, em frente, no preciso momento em que mais um soldado atacou Altaïr, com a luz do sol a reluzir na espada em riste. Altaïr deu um passo para o lado e enterrou a sua lâmina profundamente nas costas do homem. Por um segundo, todo o seu corpo se alongou, com a lâmina saindo através da protecção do peito e a boca aberta num grito silencioso enquanto Altaïr o levava ao chão e recolhia a espada.

Dois soldados atacaram em conjunto, pensando talvez que o seu número iria dominar sobre Altaïr. Não tomaram em consideração a sua raiva. Ele não estava a lutar com a sua habitual indiferença fria, mas com fogo dentro de si. O fogo de um guerreiro que não tinha qualquer cuidado com a sua própria segurança. O guerreiro mais perigoso de todos.

À sua volta viu mais corpos de aldeãos, esquartejados pelos Templários que atacavam e a sua raiva eclodiu. Os seus golpes de espada torna-

ram-se cada vez mais cruéis. Mais dois soldados caíram sob a sua lâmina e deixou-os a contorcerem-se na terra. Mas agora, mais e mais cavaleiros estavam a surgir. Tanto aldeões como Assassinos estavam a correr para a colina e Altaïr viu Abbas a comandá-los para regressarem para o castelo.

— Concentrem o ataque na fortaleza pagã — bradou um cavaleiro em resposta. Corria pelo monte acima na direcção de Altaïr, com a espada em riste e a varrer uma mulher que fugia. — Vamos levar a luta até ao Assassino...

Altaïr empurrou a espada contra a garganta do cristão e a sua última palavra foi apenas um gargarejo.

Mas, atrás dos aldeões e Assassinos que fugiam, vinham mais Templários e Altaïr hesitou na colina, ponderando se seria agora o momento para fazer a sua última investida: morrer a defender o seu povo e escapar da sua prisão de vergonha.

Mas não. Ele sabia que não havia honra numa morte desperdiçada e juntou-se aos que se retiravam para dentro da fortaleza, chegando assim que as portas se fechavam. Depois, virou-se para ver o cenário de carnificina do lado de fora. A beleza de Maysaf estava manchada pelos corpos ensanguentados dos aldeões, soldados e Assassinos.

Olhou para si mesmo. As suas vestes estavam manchadas com sangue dos Templários mas ele estava são e salvo.

— *Altaïr!* — O grito quebrou o seu pensamento. Era Rauf de novo. — Vem.

Sentiu-se subitamente desgastado.

— Para onde vamos?

— Temos uma surpresa para os nossos convidados. Faz o mesmo que eu. Em breve perceberás... — Rauf apontou para o alto dos baluartes da fortaleza por cima deles. Altaïr embainhou a espada e seguiu-o por uma série de escadas para o cume da torre onde os líderes dos Assassinos se tinham juntado, Al Mualim entre eles. Ao atravessar o piso, Altaïr olhou para o Mestre, que o ignorou com um ar carrancudo. Depois, Rauf indicou-lhe uma das três plataformas de madeira que se projectavam pelo ar, incitando-o a tomar o seu lugar numa delas. Assim o fez, respirando fundo antes de chegar cuidadosamente até à ponta.

Agora que se encontrava no topo de Maysaf, era capaz de ver todo o vale. Sentiu o ar a correr à sua volta: as suas vestes esvoaçavam ao vento e viu bandos de aves a planar e mergulhar em poços de ar quente. Sentiu a vertigem da altura ainda que deslumbrado com a vista: os montes ondulando na paisagem, cobertos por um verde vivo, a água espelhada do rio; os corpos agora eram pontos sobre as colinas.

E viu Templários.

O exército invasor tinha-se juntado no topo da colina em frente a uma torre de vigia, perto dos portões da fortaleza. À cabeça estava Robert de Sablé, que naquele momento se chegava à frente. Olhou para o alto dos baluartes onde estavam os Assassinos e dirigiu-se a Al Mualim.

— *Herege!* — rugiu. — Devolve-me o que me roubaste.

O tesouro. O pensamento de Altaïr virou-se momentaneamente para a caixa na secretária de Al Mualim. Parecera estar a brilhar...

— Não tens qualquer direito em pedi-la, Robert — respondeu o Mestre numa voz que ecoou pelo vale. — Retira-te daqui antes que eu seja obrigado a reduzir as tuas forças ainda mais.

— Tens um jogo perigoso — respondeu de Sablé.

— Asseguro-te que isto não é nenhum jogo.

— Como queiras — foi a resposta.

Havia algo no seu tom de voz que Altaïr não gostou. Assim, de Sablé virou-se para um dos seus homens e disse:

— Tragam o refém.

Por entre as suas fileiras arrastaram o Assassino. Estava amarrado e amordaçado e contorcia-se para se libertar enquanto era violentamente arrastado para a frente da audiência. Os seus berros abafados chegavam onde Altaïr estava sobre a plataforma.

De seguida, sem cerimónia, de Sablé acenou a um soldado que estava por perto. Este puxou o cabelo do Assassino de modo que a sua garganta ficasse exposta e abriu-a com um golpe de lâmina, depois deixou o corpo cair na relva.

Os Assassinos que observavam sustiveram a respiração.

De Sablé mexeu-se e aproximou-se do corpo, colocando um pé sobre as costas do homem moribundo, de braços cruzados como um gladiador triunfante. Havia um burburinho de repulsa entre os Assassinos e de Sablé gritou para Al Mualim:

— A tua aldeia está em ruínas e os teus mantimentos não são ilimitados. Quanto tempo demorará a que a tua fortaleza se desmorone de dentro para fora? Quão disciplinados ficarão os teus homens quando os poços secarem e toda a sua comida tiver desaparecido? — mal conseguia conter o regozijo na sua voz.

Mas Al Mualim estava calmo na resposta:

— Os meus homens não temem a morte, Robert. Eles abraçam-na e às recompensas que ela traz.

— Ainda bem — bradou de Sablé. — Então haverá de sobra para todos.

É claro que estava certo. Os Templários podiam cercar Maysaf e impedir que os Assassinos recebessem mantimentos. Quanto tempo durariam

antes de estarem tão enfraquecidos até de Sablé poder atacar em segurança? Duas semanas? Um mês? Altaïr podia apenas rezar que qualquer plano que Al Mualim tivesse fosse suficiente para quebrar o impasse.

Como se estivesse a ler o seu pensamento, Rauf sussurrou da plataforma à sua esquerda:

— Segue-me. E faz como eu sem hesitações.

Um terceiro Assassino estava sobre a plataforma mais distante. Estavam escondidos da vista de de Sablé e dos seus homens. Ao olhar para baixo, Altaïr viu montes de feno estrategicamente colocados, o suficiente para ampararem uma queda. Começou então a compreender a ideia de Rauf. Deviam saltar sem os Templários verem. Mas porquê?

As suas vestes esvoaçavam junto aos joelhos. O som era reconfortante, como ondas de chuva. Olhou para baixo e controlou a respiração. Concentrou-se. Focalizou-se num ponto dentro de si.

Ouviu Al Mualim e de Sablé a falarem um com o outro, mas já não estava a escutar. Pensava apenas no salto e preparava-se para o dar. Fechou os olhos. Sentiu uma grande calma, uma paz interior.

— Agora — disse Rauf, que saltou, seguido pelo outro Assassino. A seguir era Altaïr.

Saltou.

O tempo comprimiu-se no momento do salto, de braços abertos. Com o corpo relaxado e num arco gracioso pelo ar, Altaïr sabia que tinha atingido uma espécie de perfeição. Era como se tivesse saído do próprio corpo. Aterrou de forma perfeita, com o monte de feno a amparar a sua queda. Rauf também tinha conseguido, mas o terceiro Assassino não. A sua perna partiu-se na queda. Naquele instante o homem gritou e Rauf aproximou-se para o calar, de modo a impedir que os Templários o ouvissem. Para que o plano resultasse, os cavaleiros tinham de pensar que os três homens tinham saltado para as suas mortes.

Rauf virou-se para Altaïr.

— Eu fico para trás e cuido dele. Tens de seguir em frente sem nós. Aquelas cordas ali levar-te-ão até à armadilha. Solta-a; faz cair a morte sobre os nossos inimigos.

Claro. Altaïr agora compreendia. Por um momento, perguntou-se como tinham os Assassinos conseguido montar uma armadilha sem ele saber. Que outras facetas da Irmandade continuavam secretas para ele? Atravessou o abismo pelas cordas, dando a volta pelo desfiladeiro e para a parede do rochedo atrás da torre de vigia. Escalou-a instintivamente. Fê-lo rápida e agilmente, sentindo os músculos nos seus braços arderem enquanto trepava cada vez mais alto as paredes lisas até chegar ao topo da torre de vigia. Ali, debaixo das tábuas do nível superior, encontrou a armadilha pre-

parada e pronta para ser solta. Eram pesados troncos oleados, empilhados sobre uma plataforma inclinada.

Aproximou-se da ponta silenciosamente, olhando para ver as fileiras de cavaleiros Templários que ali se reuniam. Eram muitos e estavam com as costas viradas para ele. Aqui também se encontravam as cordas que seguravam a armadilha. Desembainhou a espada e, pela primeira vez em vários dias, sorriu.

Mais tarde, os Assassinos estavam reunidos no pátio, ainda a apreciar o seu triunfo.

Os seus troncos tinham rolado do cimo da torre de vigia para cima dos cavaleiros em baixo, a maioria dos quais ficou esmagada pela primeira leva, enquanto os outros foram apanhados numa segunda empilhada atrás da primeira. Estavam seguros da sua vitória apenas momentos antes. Depois, os seus corpos tinham sido cilindrados, os seus membros partidos, desconjuntando toda a sua força. Robert de Sablé tinha ordenado logo a retirada dos seus homens quando os arqueiros Assassinos aumentaram a sua vantagem e fizeram chover setas sobre eles.

No entanto, agora Al Mualim ordenava que se fizesse silêncio entre os Assassinos reunidos, dando indicação a Altaïr que se juntasse a eles no púlpito junto da entrada da sua torre. O seu olhar era duro e, quando Altaïr tomou o seu lugar, Al Mualim pediu a dois guardas que ladeassem Altaïr.

O silêncio substituiu as congratulações. Altaïr, de costas para os Assassinos, sentia todos os olhos postos nele. Por esta altura já saberiam o que tinha acontecido em Jerusalém, Malik e Abbas ter-se-iam certificado disso. Os esforços de Altaïr em batalha e a soltar a armadilha não contariam para nada agora. O máximo que poderia esperar era que Al Mualim fosse misericordioso.

— Portaste-te bem a expulsar Robert daqui — disse o Mestre, com uma dose de orgulho. Foi o suficiente para Altaïr ter a esperança de ser perdoado, que as suas acções depois de Jerusalém o tivessem redimido.

— A sua força foi subjugada — continuou Al Mualim. — Ele vai demorar algum tempo até que nos importune de novo. Diz-me, sabes por que razão foste tão bem-sucedido?

Altaïr não disse nada, com o coração acelerado.

— Foste bem-sucedido porque ouviste — continuou Al Mualim. — Se tivesses ouvido no Templo de Salomão, Altaïr, tudo isto teria sido evitado.

Fez uma circunferência com o braço, para mostrar o pátio e tudo o que estava para lá, onde ainda agora os corpos de Assassinos, Templários e aldeãos estavam a ser removidos.

— Fiz o que me foi pedido — disse Altaïr, procurando escolher cuidadosamente as suas palavras, mas falhando.

— *Não!* — vociferou o Mestre. Os seus olhos fulminavam-no. — Tu fizeste como te apeteceu. Malik contou-me a arrogância que mostraste. Como ignoraste os nossos costumes.

— Os dois guardas que ladeavam Altaïr deram um passo em frente e pegaram-lhe nos braços. Os seus músculos enrijeceram. Endureceu contra eles, mas não se debateu.

— O que estão a fazer? — disse cautelosamente.

A face de Al Mualim enrubesceu.

— Há regras. Não somos nada se não seguirmos o Credo do Assassino. Três princípios simples de que te pareces ter esquecido. Vou lembrar-te deles. Primeiro e mais importante: guarda a lâmina...

Iria ser um sermão. Altaïr relaxou, incapaz de esconder o tom de resignação da sua voz ao concluir a frase de Al Mualim...:

— da carne dos inocentes. Eu sei.

O som da estalada de Al Mualim na cara de Altaïr ecoou pelas pedras do pátio. Altaïr sentiu a sua face arder.

— E guarda as tuas palavras a não ser que eu dê permissão para que as uses — rugiu Al Mualim. — Se conheces tão bem este princípio, porque mataste o velho dentro do Templo? Ele era inocente. Não tinha de morrer.

Altaïr não disse nada. Que poderia ele dizer? Que tinha sido precipitado? Que matar o velho tinha sido um gesto de arrogância?

— A tua insolência não tem limites — berrou Al Mualim. — Torna o teu coração humilde, rapaz, ou juro que o arrancarei de dentro de ti com as minhas próprias mãos.

Parou. Os seus ombros subiam e desciam à medida que controlava a sua raiva.

— O segundo princípio é aquele que nos dá força — continuou. — Esconde-te à vista de todos. Deixa que as pessoas te escondam e torna-te parte da multidão. Lembras-te? Porque, segundo ouvi, decidiste expor-te, chamando a atenção *antes* de atacar.

Altaïr continuou sem dizer nada. Sentia a vergonha a instalar-se no estômago.

— O terceiro e último princípio — acrescentou Al Mualim — e a pior das tuas traições: Nunca comprometer a Irmandade. O seu significado deveria ser óbvio. As tuas acções nunca nos devem provocar danos, directos ou indirectos. Ainda assim, os teus actos egoístas por baixo de Jerusalém



colocaram-nos a todos em perigo. Pior anda, trouxeste o inimigo até nossa casa. Todos os homens perdidos hoje foram-no por tua causa.

Altair não conseguia olhar para o Mestre. A sua cabeça permanecia virada para o lado, ainda a latejar do estalo. Mas, quando ouviu Al Mualim a desembainhar o punhal, olhou por fim.

— Lamento. Verdadeiramente, lamento — disse Al Mualim. — Mas não posso aceitar um traidor.

“Não. Isso não. Uma morte de traidor não.”

Os seus olhos arregalaram-se na direcção da lâmina na mão do Mestre, a mão que o tinha guiado desde a infância.

— Não sou um traidor — conseguiu dizer.

— Os teus actos dizem o contrário. E, assim, não me dás escolha — Al Mualim puxou o punhal atrás. — Vai em paz, Altair — disse, e mergulhou o punhal no estômago de Altair.

Assim foi. Durante alguns segundos preciosos, enquanto estava morto, Altaïr estava em paz.

Depois... depois voltou a si, apercebendo-se gradualmente de si mesmo e de onde estava.

Estava levantado. Como podia estar de pé? Seria isto a morte, o Além? Estava no Paraíso? Se sim, assemelhava-se muito aos aposentos de Al Mualim. Mais, Al Mualim estava presente. Na realidade estava de pé sobre ele, observando-o com um olhar insondável.

— Estou vivo? — Altaïr levou as mãos onde a faca tinha sido espetada no seu estômago. Estava à espera de encontrar um buraco grosseiro e sentir sangue fresco, mas não havia nada. Não havia ferida nem sangue. Ainda assim, ele tinha-o visto. Tinha-o sentido. Ele tinha sentido a dor...

*Teria mesmo?*

— Mas eu vi-vos apunhalar-me — conseguiu dizer. — Senti o abraço da morte.

Al Mualim continuava impenetrável.

— Viste aquilo que eu quis que visses. E depois dormiste o sono dos mortos, como no ventre, para que pudesses acordar e renascer.

Altaïr afastou da mente a confusão que sentia.

— Qual foi o propósito?

— Altaïr, lembras-te porque é que os Assassinos lutam?

Ainda a tentar adaptar-se, respondeu:

— A paz, em todas as coisas.

— Sim. Em todas as coisas. Não chega acabar com a violência que uma pessoa inflige sobre outra. Também se refere à paz interior. Não se pode ter uma sem a outra.

— É o que se costuma dizer.

Al Mualim acenou, com a face de novo rosada e o tom de voz a subir.

— É verdade. Mas tu, meu filho, não encontraste paz interior. O teu

interior manifesta-se de maneiras desagradáveis. És arrogante e tens excesso de confiança. Falta-te autocontrole e sabedoria.

— Então o que vai ser de mim?

— Devia matar-te pelo sofrimento que nos trouxeste. Malik pensa que isto é o mais justo, a tua vida em troca pela do seu irmão.

Al Mualim parou para deixar que Altaïr compreendesse todo o significado daquele momento.

— Mas isto seria um desperdício do meu tempo e dos teus talentos.

Altaïr deixou-se relaxar um pouco mais. Seria poupado. Poder-se-ia redimir.

— Foram-te retiradas todas as tuas posses — continuou Al Mualim.

— A tua patente também. És outra vez um principiante, uma criança. Estás igual ao primeiro dia em que te juntaste à Ordem. Ofereço-te uma hipótese de redenção. Irás trabalhar para merecer o teu lugar de novo na Irmandade.

— Com certeza. Assumo que tendes algo planeado.

— Primeiro deves-me provar que te lembras *como* ser um Assassino. Um verdadeiro Assassino — disse Al Mualim.

— Então quereis que eu tire uma vida? — perguntou Altaïr, sabendo que a sua pena seria muito mais exigente.

— Não, pelo menos por enquanto. Por agora tornar-te-ás de novo num aluno.

— Não há motivo para isso. Eu sou um Mestre Assassino.

— *Eras* um Mestre Assassino. Eram os outros que seguiam os alvos para ti. Mas acabou-se. De hoje em diante, vais segui-los por ti próprio.

— Se for esse o vosso desejo.

— É.

— Então dizei o que devo fazer.

— Tenho uma lista na minha mão. É composta por nove nomes. Nove homens que têm de morrer. São todos nefastos. Senhores da Guerra. O seu poder e influência corrompem a terra e asseguram que as Cruzadas continuem. Irás encontrá-los e matá-los. Ao fazê-lo, estarás a semear a paz, tanto para a região como para ti mesmo. Desta forma, poder-te-ás redimir.

Lentamente, Altaïr respirou fundo. Isto era algo que conseguia fazer. Isto era algo que queria, *precisava* de fazer.

— Nove vidas em troca da minha — disse cuidadosamente.

Al Mualim sorriu.

— Uma proposta extremamente generosa, penso eu. Alguma pergunta?

— Por onde começo?

— Cavalga até Damasco. Procura um comerciante no mercado negro chamado Tamir. Faz com que este seja o primeiro a cair.

Al Mualim dirigiu-se para a sua gaiola de pombos-correio, tirou um e agarrou-o cuidadosamente na palma da mão.

— Certifica-te que visitas a Agência dos Assassinos quando chegares. Vou enviar um pássaro para informar o *rafiq* da tua chegada. Fala com ele, descobrirás que ele tem muito para oferecer.

Abriu a sua mão e o pássaro desapareceu pela janela como se tivesse sido abatido.

— Se considerais ser o melhor — disse Altaïr.

— Considero. Para além disso, não podes começar a tua missão sem o seu consentimento.

Altaïr controlou-se.

— Que disparate é este? Eu não preciso da permissão dele. É um desperdício de tempo.

— É o preço que tens de pagar pelos erros que fizeste — admoestou o Mestre. — Agora respondes não só perante mim mas também perante toda a Irmandade.

— Assim seja — acedeu Altaïr, depois de uma pausa suficientemente longa para expressar o seu desagrado.

— Então vai — disse Al Mualim. — Prova-nos que ainda não estás perdido para nós.

Al Mualim parou, depois tirou algo debaixo da sua secretária que empurrou na direcção de Altaïr.

— Toma — disse.

Satisfeito, Altaïr pegou na sua lâmina, apertando a braçadeira ao punho e atando o gatilho ao dedo mindinho. Testou o mecanismo, sentindo-se novamente como um Assassino.

Altair passou pelas palmeiras e para lá dos estábulos e dos comerciantes do lado de fora das muralhas da cidade até ter chegado aos imponentes e gigantescos portões de Damasco. Conhecia bem a cidade. Era a maior e mais sagrada da Síria, dois dos seus alvos no ano anterior tinham ali vivido. Olhou para a muralha em redor e os seus baluartes. Conseguia ver o movimento lá dentro, era como se a pedra vibrasse com vida.

Primeiro, tinha que se esgueirar para dentro. O sucesso da sua missão dependia da sua capacidade de se mover anonimamente pelas ruas apinhadas. Um confronto com os guardas não seria um bom começo. Desmontou e prendeu o cavalo e investigou os portões onde os sarracenos montavam guarda. Teria que tentar outra forma e isso era mais fácil dizer do que fazer, pois Damasco era conhecida pela sua segurança. Ao olhar para cima mais uma vez, sentindo-se minúsculo, via que as muralhas eram demasiado altas e lisas para serem escaladas pelo lado de fora.

Foi então que viu um grupo de eruditos e sorriu. Saladino incentivava os homens cultos a visitarem Damasco para estudarem. Havia muitas madrassas espalhadas pela cidade e, como tal, eles usufruíam de tratamento especial, sendo-lhes permitido deambularem sem impedimentos. Altair aproximou-se e juntou-se a eles, tomando uma postura o mais devota possível e, com eles, passou com facilidade pelos guardas, deixando o deserto para trás ao entrar na grande cidade.

Do lado de dentro manteve-se escondido, movendo-se rápida mas cuidadosamente pelas ruas até chegar a um minarete. Olhou rapidamente à volta antes de saltar para um parapeito. Elevou-se e procurou mais apoios para as mãos na pedra quente, subindo cada vez mais alto. Descobriu que a sua antiga destreza lhe estava a voltar, embora não se estivesse a mover tão rapidamente ou com tanta segurança como em tempos. Sentiu as suas capacidades a voltar; não, a *emergir*. E, com elas, veio a velha sensação de entusiasmo.

Depois chegou ao topo do minarete e agachou-se ali. Uma ave de rapina sobrevoava a cidade. Olhando à sua volta, via as mesquitas em abóbada e minaretes pontiagudos que interrompiam o mar irregular de telhados. Viu os mercados, pátios e altares, bem como a torre que marcava a posição da Agência dos Assassinos.

Teve novamente uma sensação de excitação. Já não se lembrava de quão bonitas eram as cidades vistas dos seus pontos mais altos. Nestas alturas sentia-se livre.

Al Mualim tinha razão. Há anos que os alvos eram seguidos por outros em vez dele. Diziam-lhe para onde ir e quando; o seu trabalho era matar, nem mais, nem menos. Não se tinha apercebido, mas sentia falta da emoção do que realmente significava ser um Assassino, que não era carnificina e morte, mas sim o que se podia encontrar no interior.

Inclinou-se um pouco para a frente, olhando para as ruas estreitas em baixo. As pessoas estavam a ser chamadas para rezar e as multidões estavam a diminuir. Olhou para os toldos e telhados à procura de um local para aterrar em segurança, depois encontrou uma carroça com feno. De olhos postos nele e a respirar fundo, levantou-se. Podia sentir a brisa e ouvir os sinos. Depois deu um passo em frente caindo com graciosidade e acertando no alvo. Talvez não fosse tão suave como ele teria desejado, mas era mais seguro que arriscar aterrar num toldo frágil, que tinha a probabilidade de se rasgar e o deixar cair desconjuntado em cima da bancada. Escutou à espera que a rua ficasse menos movimentada, depois saiu da carroça e dirigiu-se para a Agência.

Chegou lá pelo telhado, aterrando num vestíbulo com sombra no qual uma fonte pingava e as plantas abafavam os sons vindos de fora. Era como se tivesse entrado noutra mundo. Compôs-se e entrou.

O líder descansava atrás de um balcão. Levantou-se quando o Assassino entrou.

— Altaïr. É bom ver-te. E estás inteiro.

— A ti também, meu amigo — Altaïr olhou para o homem, não lhe agradando aquilo que via. Em primeiro lugar, tinha uma maneira de falar insolente e irónica. Também não tinha dúvidas que ele tinha sido informado das... *dificuldades* recentes de Altaïr e, pelo seu ar, tinha intenções de usufruir ao máximo do poder que a situação lhe atribuía.

E, claro, quando falou novamente, fê-lo com um sorriso que mal conseguia disfarçar.

— Lamento os teus problemas.

— Não penses nisso.

O líder tomou um ar de falsa preocupação.

— Alguns dos teus irmãos estiveram aqui antes...

Então, tinha sido *assim* que ele tinha ficado tão bem informado, pensou Altaïr.

— Se tivesses ouvido as coisas que eles disseram, certamente os terias matado na hora.

— Não há problema — disse Altaïr.

O líder sorriu.

— Sim, nunca foste muito adepto do Credo, não é?

— É tudo? — Altaïr sentia um desejo enorme de esbofetear a cara sorridente daquele verme. Ou isso ou usar a sua lâmina para lhe abrir o sorriso.

— Peço desculpa — disse o líder, corando —, às vezes esqueço-me. O que te traz a Damasco? — Endireitou-se um pouco, lembrando-se finalmente do seu posto.

— Um homem chamado Tamir — disse Altaïr. — Al Mualim não gosta do trabalho que ele faz e estou encarregue de o acabar. Diz-me onde o posso encontrar.

— Terás que o localizar.

Altaïr resmungou.

— Mas esse tipo de trabalho é digno de... — parou, lembrando-se das ordens de Al Mualim. Ele agora era outra vez um principiante. Tinha que fazer as suas próprias investigações. Tinha que encontrar um alvo. Tinha que executar a morte. Acenou e aceitou a sua tarefa.

O líder continuou:

— Procura na cidade. Descobre o que Tamir está a planear e onde ele trabalha. A preparação assegura a vitória.

— Muito bem, mas o que podes *tu* dizer-me sobre ele? — perguntou Altaïr.

— Ele vive do comércio no mercado negro, portanto deves dirigir-te para o bairro dos *souks*.

— Presumo que queres que regresse aqui depois de ter feito isso.

— Vem ter comigo. Dar-te-ei a marca de Tamir e tu dar-nos-ás a vida dele.

— Como queiras.

Contente por se afastar do absurdo da Agência, Altaïr subiu aos telhados. Mais uma vez, inspirou a cidade enquanto parou para olhar para uma rua estreita em baixo. Uma leve brisa fazia ondular os toldos. As mulheres juntavam-se à volta de uma bancada que vendia lamparinas polidas, a tagarelar acesamente. Perto delas, dois homens discutiam, Altaïr não conseguia ouvir sobre o quê.

Prestou atenção ao edifício do lado oposto, depois para lá dos telha-

dos. Dali podia ver a Mesquita Pasha e o local dos Jardins Formais a sul, mas o que ele precisava de localizar era...

Viu-o, o gigantesco Souk al-Silaah, onde, segundo o líder, poderia começar a sua investigação sobre Tamir. É claro que o líder sabia mais do que tinha revelado, mas tinha instruções rigorosas para não dizer nada a Altaïr. Ele compreendia isto. O “principiante” tinha que aprender pela prática.

Deu dois passos atrás, sacudiu a rigidez dos braços, respirou fundo, depois saltou.

Em segurança do outro lado, agachou-se por um momento e escutou a algazarra na via em baixo. Viu um grupo de guardas a passar, conduzindo um burro com uma carroça que descaía com o peso de muitos barris empilhados.

— Deixem passar — diziam os guardas enquanto empurravam os cidadãos do caminho. — Deixem passar pois levamos mantimentos para o Palácio do Vizir. Sua Excelência, Abu'l Nuqoud vai fazer mais uma das suas festas — os cidadãos que tinham sido empurrados para o lado escondiam esgares de descontentamento.

Altaïr viu os soldados passarem debaixo de si. Tinha ouvido o nome, Abu'l Nuqoud: aquele que chamavam de Rei Mercador de Damasco. Os barris. Altaïr podia estar enganado, mas pareciam conter vinho.

Não era importante, os assuntos de Altaïr estavam noutro lado. Endireitou-se e partiu em corrida, mal parando para saltar para o edifício seguinte e depois para o próximo, renovando uma sensação intensa de força e poder a cada salto. Estava de volta a fazer o que sabia.

Visto de cima, o *souk* era como um buraco esfarrapado no meio dos telhados da cidade, por isso era fácil de encontrar. Era o maior local de comércio em Damasco, ficava no centro do Bairro Pobre da cidade no nordeste e estava ladeado em toda a volta por edifícios de lama e madeira – Damasco transformava-se num pântano quando chovia – e era uma manta de retalhos de carroças, bancadas e mesas de comerciantes. Odores adocicados chegavam até Altaïr no seu poleiro bem alto. Eram perfumes e óleos, especiarias e pastelarias. Por todo o lado, clientes, comerciantes e vendedores conversavam ou andavam rapidamente pelo meio das multidões. As pessoas da cidade ou estavam paradas a falar ou corriam apressadamente de um lado para o outro. Parecia não haver meio-termo, pelo menos aqui não. Observou-os durante algum tempo, depois desceu do telhado e, misturando-se na multidão, escutou.

Escutava por uma palavra.

— *Tamir.*

Os três comerciantes estavam abrigados à sombra, a falar baixo mas com todo o tipo de gestos de braços. Tinham sido eles a dizer o nome e Al-



tair dirigiu -se cuidadosamente para perto deles, virando-se de costas e a ouvir os ensinamentos de Al Mualim na sua cabeça enquanto o fazia: “Nunca estabeleças contacto visual, mostra-te sempre ocupado, mantém-te calmo.”

— Ele convocou outra reunião — ouviu Altaïr, sem conseguir perceber qual dos homens estava a falar. Quem era “ele” de que eles falavam? Era Tamir, possivelmente. Altaïr escutava, memorizando o local do encontro.

— O que é desta vez? Mais um aviso? Mais uma execução?

— Não. Ele tem trabalho para nós.

— O que significa que não seremos pagos.

— Ele abandonou os preceitos da guilda dos comerciantes. Agora faz o que lhe apetece...

Começaram a falar de um grande negócio, o maior de sempre, disse um em murmúrio, quando, de repente, pararam. Perto deles, um orador de barba preta aparada tinha tomado o seu lugar na sua bancada e agora olhava os comerciantes com os seus olhos negros debaixo do capuz. Era um olhar ameaçador.

Altaïr olhou rapidamente por detrás da sua capa. Os três homens tinham empalidecido. Um remexia o chão com a sandália, os outros dois afastaram-se como se se tivessem subitamente lembrado de algum afazer importante naquele momento. A sua reunião tinha acabado.

O orador era, talvez, um dos homens de Tamir. O comerciante do mercado negro dominava o *souk* com um punho forte. Altaïr aproximou-se quando o homem começou a falar, criando uma audiência.

— Ninguém conhece Tamir melhor que eu — anunciou em voz alta. — Aproximem-se. Ouçam a história que eu tenho para contar. É a história de um príncipe mercador sem igual...

Era exactamente a história que Altaïr queria ouvir. Aproximou-se mais, para se parecer a um observador interessado. O mercado movia-se à sua volta.

— Foi mesmo antes de Hattin — continuou o orador. — Os sarracenos tinham pouca comida e estavam desesperados por se reabastecerem. Mas não havia auxílio à vista. Tamir conduziu uma caravana nesses dias entre Damasco e Jerusalém. Mas o comércio recente tinha sido fraco. Parecia não haver ninguém em Jerusalém que quisesse o que ele tinha: frutas e vegetais de quintas próximas. E assim, Tamir partiu, cavalgando para norte preocupado com o que seria dos seus mantimentos. Certamente apodreceriam em breve. Este podia ser o fim desta história e da vida do pobre homem... Mas o Destino tinha outros planos.

— Enquanto Tamir conduzia a sua caravana para norte, cruzou-se com o líder dos sarracenos e os seus homens famintos. Ambos tiveram muita sorte, pois cada um tinha o que o outro queria.

— Então, Tamir deu a sua comida ao homem. E quando a batalha terminou, o líder sarraceno certificou-se que o mercador fosse pago mil vezes mais.

— Há quem diga que, se não fosse Tamir, os homens de Saladino ter-se-iam virado contra ele. É possível que tenhamos vencido a batalha por causa deste homem...

Acabou o seu discurso e deixou a sua audiência dispersar. Tinha um sorriso amarelo na cara quando se afastou da bancada e foi para o centro do mercado. Ia talvez para outra bancada para fazer o mesmo discurso engrandecedor de Tamir. Altaïr seguiu-o, mantendo uma distância segura, novamente com as palavras do seu preceptor na sua cabeça:

— Coloca obstáculos entre ti e a tua presa. Nunca te deixes ver quando ele olhar para trás.

Altaïr apreciava a sensação que estas habilidades lhe traziam à medida que as voltava a ter. Agradava-lhe ser capaz de isolar o burburinho do dia e focalizar-se na sua presa. Então, de repente, parou. À sua frente o orador tinha chocado contra uma mulher que transportava um jarro que se partiu. Ela começou a protestar com ele, estendendo a mão a exigir pagamento, mas ele fez-lhe uma cara feia e puxou a mão atrás para lhe bater. Altaïr colocou-se em sentido, mas ela encolheu-se e ele achincalhou-a, baixou a mão e continuou a andar, pontapeando bocados de barro partido pelo caminho. Altaïr continuou, para lá da mulher, que agora se agachava na areia a chorar, a praguejar e a juntar os bocados do jarro partido.

Agora, o orador saiu da rua e Altaïr seguiu-o. Estavam numa via estreita e quase vazia, com as paredes de lama escura a oprimirem-nos. Seria, possivelmente, um atalho para a bancada seguinte. Altaïr olhou para trás de si, depois deu uns quantos passos rápidos em frente, agarrou o orador pelo ombro, virou-o ao contrário e espetou as pontas dos dedos por baixo das suas costelas.

De imediato, o orador ficou curvado, a cambalear para trás e com falta de ar, com a boca como a de um peixe fora de água. Altaïr olhou em volta para se certificar que não havia testemunhas, depois deu um passo em frente, girou sobre um pé e pontapeou o orador na garganta.

Este caiu para trás atabalhoadamente, com a sua *thawb* torcida à volta das pernas. Agora as suas mãos iam para onde Altaïr o tinha pontapeado e ele rebojava-se no pó. Com um sorriso, Altaïr avançou. Fácil, pensou. Tinha sido demasiado...

O orador mexia-se com a rapidez de uma cobra. Lançava murros e pontapés, acertando em Altaïr em cheio no peito. Surpreso, o Assassino cambaleou para trás enquanto o outro avançava, com um ar decidido e a dar golpes com os punhos. Tinha um brilho nos olhos por se aperceber

que tinha abalado Altaïr, que se esquivava de um murro falhado apenas para descobrir que era falso, sendo apanhado no queixo pela outra mão do orador.

Altaïr quase caiu, provando sangue e rogando pragas a si mesmo. Tinha subestimado o seu adversário. Era um erro de principiante. O orador olhou freneticamente à sua volta como se procurasse a melhor escapatória. Altaïr ignorou a dor da cara, avançou de punhos erguidos e atingiu o orador na têmpora antes que este se conseguisse escapar. Durante alguns momentos, os dois trocaram golpes no beco. O orador era mais baixo e mais rápido e acertou na cana do nariz de Altaïr. O Assassino cambaleou em lágrimas que lhe turvaram a visão. Ao sentir a vitória, era o orador que agora avançava, com murros desgovernados. Altaïr deu um passo para o lado, agachou-se e varreu os pés do orador, o que o atirou por terra e o fez perder o fôlego ao cair de costas. Altaïr girou e caiu em cima dele, pressionando o seu joelho directamente sobre as virilhas do orador. Ficou satisfeito quando a resposta que ouviu foi de um grunhido de agonia, depois levantou-se, com os ombros a subir e a descer intensamente enquanto se compunha. O orador encolhia-se silenciosamente na terra, de boca aberta num grito mudo e as mãos agarradas às virilhas. Quando conseguiu inspirar sofregamente, Altaïr agachou-se e aproximou-se da sua cara.

— Pareces saber bastante sobre Tamir. — sussurrou. — diz-me o que ele está a planear.

— Só conheço as histórias que conto — grunhiu o orador. — nada mais.

Altaïr agarrou numa mão-cheia de terra e fê-la escorrer por entre os dedos.

— É pena. Então não há nenhum motivo par te deixar viver se não tens nada para me oferecer em troca.

— Espera. Espera — O orador levantou uma mão a tremer. — Há uma coisa...

— Continua.

— Ele tem estado preocupado ultimamente. Ele supervisiona a produção de muitas, muitas armas...

— E o que tem isso? Supostamente estarão destinadas a Saladino. Isso não me ajuda, o que significa que não te ajuda a ti... Altaïr puxou...

— *Não*. Pára. Ouve-me — os olhos do orador reviravam-se e tinha suor a escorrer-lhe pelas sobrancelhas. — Não são para Saladino. São para *outra pessoa*. Os brasões que estas armas têm são diferentes. Não me são familiares. Parece que Tamir apoia outra pessoa... mas eu não sei quem é.

Altaïr acenou.

— É tudo? — perguntou.

Sim. Sim. Disse-te tudo o que sei.

— Então está na altura de descansares.

— Não — começou o orador, mas ouviu-se um desembainhar tão audível como pratos a partirem-se no beco quando Altaïr soltou a lâmina e a atravessou no esterno do orador. Enquanto segurava o homem moribundo, este tremia, espetado pela lâmina, com sangue a espumar dos cantos da boca e os seus olhos a enevoarem-se. Foi uma morte rápida. Uma morte limpa.

Altaïr deitou-o na areia, fechou-lhe os olhos, depois levantou-se. Recolheu a lâmina e escondeu o corpo por detrás de uma pilha de barris fedorentos, depois virou costas e saiu do beco.

— **A**ltair. Bem-vindo. Bem-vindo.  
O líder sorriu quando ele entrou e Altair olhou-o por um momento, vendo-o encolher-se um pouco perante o seu olhar. Será que trazia com ele o cheiro da morte? Talvez o líder da Agência o tivesse sentido.

— Fiz o que me pediste. Agora dá-me a marca.

— Cada coisa a seu momento. Conta-me o que sabes.

Acabado de matar, Altair reflectiu que seria de pouca monta acrescentar mais uma morte à sua contagem do dia. Estava em pulgas para meter o homem no seu devido lugar. Mas não, tinha que assumir o seu papel por muito que achasse tudo aquilo uma farsa.

— Tamir manda no Souk al-Silaah — disse, ao pensar nos comerciantes que falavam em murmúrios e no medo nas suas caras quando viram o orador de Tamir. — Ele faz a sua fortuna a vender armas e armaduras e tem o apoio de muitos nesse empreendimento: ferreiros, vendedores, investidores. É o principal mercador da morte no território.

O outro acenou, não estava a ouvir nada que já não soubesse.

— E achaste alguma forma de nos livrares deste mal? — perguntou com arrogância.

— Foi combinada uma reunião no Souk al-Silaah para discutir uma venda importante. Dizem que é o negócio mais importante que Tamir já fez. Ele irá estar distraído com o seu trabalho. Vai ser aí que eu vou atacar.

— O teu plano parece ser suficientemente sólido. Dou-te permissão para ires.

Procurou debaixo da secretária e pegou na marca de Al Mualim. Era uma pena de um dos preciosos pássaros do Mestre. Colocou-a sobre a mesa entre os dois.

— Seja feita a vontade de Al Mualim — disse enquanto Altair pegava na marca e a guardava cuidadosamente dentro das suas vestes.

Pouco depois do nascer do sol, deixou a Agência e encaminhou-se

para o Souk al-Silaah. Quando chegou ao mercado, todos os olhos pareciam estar postos num pátio de cerimónia no seu centro.

Rapidamente percebeu porquê. Era ali que se encontrava o mercador Tamir. Com dois guardas de ar ameaçador atrás de si, ele era o centro do pátio, alto sobre um homem que tremia de pé à sua frente. Vestia um turbante em xadrez, uma túnica com bom corte em ligaduras de pernas. Os seus dentes eram brancos por baixo de um bigode escuro.

Enquanto Altaïr dava a volta do lado de fora da multidão, mantinha a atenção sobre o que se estava a passar. Os vendedores também tinham saído detrás das suas bancadas para ver. A cidade de Damasco que ou se apressava de um lado para o outro ou se perdia em conversas tinha parado temporariamente.

— Se ao menos olhar... — disse o homem que se encolhia diante de Tamir.

— Não tenho qualquer interesse nos teus cálculos — respondeu Tamir bruscamente. — Os números não mudam nada. Os teus homens não conseguiram cumprir a encomenda, o que significa que eu falhei para com o meu cliente.

“Cliente”, pensou Altaïr. Quem seria ele?

O comerciante engoliu em seco. Os seus olhos viraram-se para a multidão à procura de salvação. Não encontrou nada ali. Os guardas do mercado mantinham-se inexpressivos e com o olhar distante, ao passo que os espectadores apenas olhavam, curiosos. Altaïr sentia-se enojado por eles, todos eles. Eram abutres a ver e os guardas que nada faziam. Mas, mais que todos, era Tamir.

— Precisamos de mais tempo — suplicou o comerciante. Talvez se apercebesse que a sua única oportunidade residia em persuadir Tamir a ser misericordioso.

— Essa é a desculpa de um homem ou preguiçoso ou incompetente — retorquiu o mercador do mercado negro. — Qual deles és tu?

— Nenhum — respondeu o comerciante, apertando as mãos.

— Aquilo que vejo é outra coisa — disse Tamir. Levantou um pé sobre uma parede baixa e apoiou-se sobre o joelho. — Agora diz-me, o que tencionas fazer para resolver este nosso problema? Precisamos dessas armas *agora*.

— Não vejo nenhuma solução — gaguejou o comerciante. — Os homens trabalham noite e dia. Mas o seu... cliente precisa de tanto. E o destino... é um caminho difícil.

— Quem me dera que conseguisses produzir armas com a mesma destreza com que produzes desculpas — riu-se Tamir.

Agora a actuar para a multidão, foi recompensado com uma gargalhada, produzida mais por medo do que pela qualidade do seu humor.

— Fiz tudo o que pude — insistiu o homem mais velho. Corria-lhe suor abundantemente pela fita do turbante e a sua barba cinzenta tremia.

— Não chega.

— Então talvez esteja a pedir demasiado — tentou o comerciante. Era um risco imprudente. O sorriso para agradar a multidão fugiu da cara de Tamir e deitou um olhar duro sobre o velho.

— Demasiado? — disse, com uma voz fria diferente. — Dei-te tudo. Sem mim ainda estarias a encantar serpentes a troco de moedas. Tudo o que pedi em troca foi que cumprisses com as encomendas que te trouxe. E dizes que peço *demasiado*?

Puxou do punhal e a lâmina reluziu. Todos os que observavam desviaram o olhar com desconforto. Altaïr olhou para os guardas, que se mantinham de braços cruzados, sabres à cintura e caras inexpressivas. Ninguém no *souk* se atrevia a mexer-se, era como se todos tivessem sido enfeitiçados.

O comerciante soltou um som aterrorizado. Caiu de joelhos com as mãos juntas em súplica. Na sua cara estava gravada a imploração, os seus olhos brilhavam das lágrimas.

Tamir olhou altivamente para ele, uma criatura patética que se ajoelhava perante si, e cuspiu. O vendedor pestanejou o muco que lhe atingira os olhos.

— *Atraves-te a caluniar-me?* — rugiu Tamir.

— Paz, Tamir — choramingou o velho. — Não o quis insultar.

— Então devias ter mantido a boca calada — rosnou Tamir.

Altaïr podia ver a sede por sangue nos seus olhos e sabia exactamente o que iria acontecer. Assim, Tamir golpeou o mercador com a ponta do punhal e abriu um buraco que deixou a túnica pendurada e a manchou imediatamente de vermelho. O comerciante caiu para trás sobre os calcanhares com um enorme guincho que atravessou o mercado.

— Não! Pare! — bramia.

— Paro? — gozou Tamir. — Estou só a começar. Deu um passo em frente, espetou o punhal no estômago do homem e atirou-o ao chão onde gritava como um animal enquanto Tamir o apunhalava de novo.

— Vens para o *meu souk* — gritou e apunhalou. — Pões-te diante dos *meus* homens — apunhalou-o uma quarta vez. O som assemelhava-se a carne moída. O velho ainda gritava. — E *atraves-te a insultar-me?* — Apunhalou-o mais uma vez. Pontuava cada palavra com uma investida do punhal. — Tens de aprender a pôr-te no teu lugar.

Mas agora o mercador já não gritava. Agora não era mais do que um corpo maltratado e ensanguentado, esticado no pátio com a cabeça vira-

da de uma forma pouco natural. Um dos guarda-costas de Tamir avançou para retirar o corpo.

— Não — disse Tamir sem fôlego. Limpou a barba com as costas da mão. — Deixa-o — Virou-se para se dirigir à multidão. — Que isto seja uma lição para o resto de vós. Pensem duas vezes antes de me dizerem que algo não se pode fazer. Agora voltem ao trabalho.

Os espectadores deixaram o corpo do velho onde estava, com um cão já a começar a cheirar à sua volta, e regressaram à sua actividade diária no *souk*, que aumentou gradualmente até que, após alguns breves instantes, era como se nada se tivesse passado. Era como se o velho tivesse sido esquecido.

No entanto, Altaïr não o esquecera. Sentiu a necessidade de soltar os pulsos e respirar fundo e lentamente para controlar e direccionar a sua raiva. Curvou ligeiramente a cabeça, com os olhos escondidos pelo seu capuz, e esgueirou-se pela multidão atrás de Tamir, que andava pelo mercado seguido por perto dos dois guarda-costas. Ao aproximar-se dele, Altaïr ouviu-o falar com os vendedores, todos eles de olhos arregalados e aterrorizados, e a concordar a medo com tudo o que lhes dizia.

— Não consigo vender isto — repreendia Tamir. — Derrete-o e tenta de novo. E se voltar tão mal feito como este, vais ser *tu* o próximo a ser derretido.

Olhos arregalados. Aceno, aceno, aceno.

— Não compreendo o que fazes o dia todo. A tua bancada está cheia de mercadoria. A tua bolsa devia estar cheia de moedas. Porque não consegues vender estas coisas? Não é difícil. Talvez não te estejas a esforçar o suficiente. Precisas de *motivação*?

O vendedor estava a acenar até que se apercebeu da pergunta e corrigiu rapidamente para uma negação igualmente enfática. Tamir continuou. A multidão passava à sua volta. Os seus guarda-costas... seria isto uma oportunidade? Com um mercado inteiro aterrorizado por Tamir, os seus homens tinham descurado a sua guarda. Tinham-se deixado ficar para trás numa outra bancada onde exigiam que as mercadorias fossem dadas como presente para as suas mulheres. Tamir tinha novas vítimas para aterrorizar.

E agora Altaïr esgueirara-se entre ele e os dois guarda-costas. Ficou tenso, sentiu a pressão do mecanismo da lâmina no dedo mindinho. Tamir estava de costas para ele a insultar mais um lojista.

— Tu suplicaste-me por este lugar. Juraste que ninguém o faria tão bem como tu. Eu devia...

Altaïr aproximou-se e... *snick*. A sua lâmina saltou para fora enquanto ele passou um braço à volta de Tamir e usou o outro para cravar fundo a arma.



Tamir fez um som de estrangulamento mas não gritou e, por um segundo, encolheu-se antes de coxear. Por cima do ombro, Altaïr cruzou olhares com o lojista aterrorizado e viu que o homem se debatia com o que fazer. Devia dar o alarme ou... O comerciante virou costas e foi-se embora.

Altaïr pousou Tamir no chão entre as duas bancadas, fora da vista dos guarda-costas, que continuavam abstraídos.

Os olhos de Tamir piscaram.

— Fica em paz, disse Altaïr suavemente.

— Vais pagar por isto, Assassino — arranhou Tamir. Uma fina linha de sangue corria-lhe do nariz. — Tu e toda a tua espécie.

— Parece que és tu quem está a pagar agora, meu amigo. Vais deixar de lucrar com o sofrimento.

Tamir deu uma risada dura e cínica.

— Pensas que eu sou um grande mercador da morte, a alimentar-me da guerra? Não me achas talvez um alvo estranho? Porquê eu, quando tantos outros fazem o mesmo?

— Então consideras-te diferente? — perguntou Altaïr.

— Oh, mas eu sou, pois eu sirvo uma causa muito mais nobre que o mero lucro. Tal como os meus irmãos...

— Irmãos?

Tamir riu mais uma vez com fraqueza.

— Ah...ele pensa que eu estou sozinho. Eu sou apenas uma peça. Um homem com um papel a desempenhar. Irás conhecer os outros em breve. Eles não irão gostar do que fizeste.

— Ainda bem. Estou ansioso por também acabar com as suas vidas.

— Que orgulho. Vai destruir-te, rapaz — disse Tamir. E morreu.

— Têm de morrer pessoas para que as coisas mudem — entouu Altaïr enquanto fechava os olhos do homem.

Tirou a pena de Al Mualim de dentro das vestes e manchou-a com o sangue de Tamir, lançou um último olhar aos guarda-costas, depois afastou-se, desaparecendo entre a multidão. Era já um fantasma quando ouviu os gritos subirem atrás de si.

Tamir era o primeiro de nove. Al Mualim tinha ficado silenciosamente satisfeito ao ver a pena manchada de sangue na sua secretária, virando-se para Altaïr para o elogiar, antes de lhe dar a próxima tarefa.

Altaïr tinha curvado a cabeça em concordância e deixou o Mestre. No dia seguinte juntou os mantimentos e partiu novamente, desta vez para Acre, uma cidade tão fortemente dominada pelos Cruzados como Damasco era dominada pelos homens de Saladino. Era uma cidade ferida pela guerra.

Acre tinha sido conquistada com dificuldade. Os cristãos tinham-na recuperado após um cerco prolongado e sangrento que durou quase dois anos. Altaïr tinha desempenhado o seu papel na tentativa de impedir que a fonte de água fosse envenenada pelos Templários.

No entanto, não conseguira impedir o envenenamento que acabou por ocorrer. Os corpos na água tinham espalhado a doença tanto entre os muçulmanos como entre os cristãos e tanto dentro como fora das muralhas da cidade. Os mantimentos acabaram e milhares simplesmente morreram à fome. Depois, chegaram mais cruzados para construir mais máquinas e os seus ataques tinham esburacado as muralhas da cidade. Os sarracenos tinham-se defendido durante tempo suficiente para reparar as brechas, até que o exército de Ricardo Coração de Leão simplesmente desgastou os muçulmanos até eles se terem rendido. Os Cruzados tinham então avançado para tomar a cidade e fazer reféns na guarnição.

Seguiram-se negociações entre Saladino e Ricardo para a libertação dos reféns. Os detalhes das conversações tinham sido manchados por um desentendimento entre Ricardo e o francês Conrado de Montferrat, que não estava disposto a libertar os reféns capturados pelas forças francesas.

Conrado regressou a Tiro, Ricardo estava a caminho de Jaffa onde as suas tropas se iriam encontrar com as de Saladino. O irmão de Conrado, Guilherme, tinha ficado no comando.

Guilherme de Montferrat ordenou que os reféns muçulmanos fossem executados. Quase três mil homens foram decapitados.

E assim foi que Altaïr se encontrou a fazer as suas investigações numa cidade marcada pela sua história recente, uma história de cerco, doença, fome, crueldade e derramamento de sangue. Uma cidade cujos residentes conheciam demasiado bem o que era o sofrimento; os seus olhos escondiam a mágoa e os seus ombros estavam pesados de tristeza. Nas áreas pobres, encontrou o pior dos sofrimentos. Havia corpos envoltos em musselina a ladear as ruas, ao passo que o álcool e a violência fervilhavam nos portos. A única parte da cidade que não fedia a desespero e morte era o Bairro das Cadeias, onde os Cruzados estavam instalados e onde Ricardo tinha a sua cidadela e Guilherme os seus aposentos. Dali, os Cruzados tinham declarado Acre como a capital do Reino de Jerusalém e tinham-na usado para armazenar mantimentos antes de Ricardo ter partido para a marcha sobre Jaffa, deixando Guilherme no comando. Até à data, o seu reinado tinha exacerbado completamente os problemas da cidade, que eram demasiado óbvios e pesavam sobre Altaïr enquanto ele andava pelas ruas. Estava grato por ter acabado as suas investigações e dirigir-se para a Agência dos Assassinos. Ali, Jabal, o líder, estava sentado a arrulhar suavemente para um pombo que tinha nas mãos. Olhou para cima quando Altaïr entrou na sala.

— Ah, Altaïr — disse agradavelmente. — Um passarinho disse-me que nos irias visitar. . .

Sorriu com a sua própria piada, depois abriu as mãos para soltar o pombo. Em vez disso, o pombo aterrou no balcão onde enfunou as penas do peito e começou a andar de um lado para o outro como se estivesse a montar uma guarda das aves. Jabal observou-o com um olhar entretido, depois compôs-se no seu assento para receber a sua visita.

— E quem é o pobre desgraçado que Al Mualim escolheu para provar da tua lâmina, Altaïr? — perguntou.

— Al Mualim ordenou a execução de Garnier de Naplouse.

Jabal replicou:

— O Grão-Mestre dos Cavaleiros Hospitalários?

Altaïr acenou lentamente.

— É verdade. E já defini quando e como irei atacar.

— Então partilha o teu conhecimento comigo. — Jabal parecia estar impressionado e tinha bons motivos.

Altaïr começou:

— Ele vive e trabalha no hospital da sua Ordem, a noroeste daqui. Há rumores das atrocidades que são cometidas entre paredes.

À medida que Altaïr lhe contava o que sabia, Jabal acenava pensativamente, ponderando as suas palavras e pedindo esclarecimentos.

— Qual é o teu plano?

— Garnier cinge-se maioritariamente aos seus aposentos dentro do hospital, embora saia ocasionalmente para inspecionar os seus pacientes. Será quando ele fizer as suas rondas que eu atacarei.

— É evidente que planeaste isto muito bem. Dou-te permissão para ires — com isto, deu a Altaïr a marca de Al Mualim. — Remove a mancha de Acre, Altaïr. Talvez te ajude a limpar a tua própria.

Altaïr pegou na marca e encarou Jabal com um olhar zangado. Teriam todos os Assassinos que saber da sua vergonha? Saiu, atravessando a cidade pelos telhados até avistar o hospital. Ali parou para recuperar o fôlego e ordenar as ideias enquanto o observava do alto.

Altaïr tinha dado a Jabal uma versão alterada do que tinha descoberto; tinha escondido o seu desagrado pelo líder da Agência. Tinha descoberto que de Naplouse era o Grão-Mestre da Ordem dos Cavaleiros Hospitalários. Fundada originalmente em Jerusalém, o seu objectivo era o de oferecer cuidados médicos para peregrinos doentes e os Cavaleiros tinham uma base em cada uma das áreas mais carenciadas de Acre.

E lá, de acordo com o que Altaïr tinha descoberto, de Naplouse fazia tudo menos oferecer cuidados médicos.

No bairro dos Hospitalários tinha ouvido dois membros da Ordem a falar sobre como o Grão-Mestre estava a recusar o acesso de cidadãos comuns ao hospital e o povo estava perto de chegar à violência por causa disso. Um tinha dito que receava uma repetição do escândalo que se tinha passado em Tiro.

— Qual escândalo? — tinha perguntado o amigo.

O homem tinha-se aproximado perto do companheiro para acabar o que tinha a dizer e Altaïr vira-se obrigado a esforçar-se para ouvir.

— Em tempos, Garnier considerava essa cidade como sua casa — dissera o homem. — Mas foi exilado. Diz-se que fazia experiências com os seus cidadãos.

O companheiro parecera um pouco enojado.

— Que tipo de experiências?

— Não conheço os detalhes, mas preocupo-me. Será que começou de novo? É por isso que se fecha na fortaleza dos Hospitalários?

Mais tarde, Altaïr lera um pergaminho que tinha roubado de um colega de de Naplouse. O Hospitalário não tinha intenções de tratar os pacientes, era o que dizia. Eram-lhe fornecidos indivíduos vindos de Jerusalém nos quais fazia testes, testes para um amo desconhecido, com o objectivo de induzir certos estados nos seus sujeitos. E Tamir, o recentemente falecido Tamir, estava encarregue de procurar armas para a operação.

Uma frase em particular na carta tinha-lhe saltado à vista: “Deve-

mos lutar para reaver aquilo que nos foi retirado.” O que significava aquilo? Curioso sobre isso, Altaïr continuou com as suas investigações. Ouviu dizer que o Grão-Mestre deixava que “loucos” deambulasse pelos recintos do hospital e descobriu as horas a que os arqueiros que cobriam os passadiços por cima do hospital largavam os seus postos. Descobriu que de Naplouse gostava de fazer as rondas sem guarda-costas e que só era dada entrada a monges.

Assim, após ter toda a informação de que necessitava, Altaïr tinha visitado Jabal para obter a marca de Al Mualim.

Agora andava à volta de um edifício adjacente à fortaleza dos Hospitalários. Tal como esperava, havia um guarda, um arqueiro, e Altaïr observou enquanto ele andava pelo passadiço e, de vez em quando, olhava para o pátio em baixo, mas olhando principalmente para os telhados. Altaïr olhou para o sol. Devia faltar pouco, pensou, sorrindo para si de seguida assim que o arqueiro se aproximou de uma escada e a desceu.

Altaïr manteve-se agachado. Saltou do telhado para o passadiço e percorreu-o rapidamente até conseguir espreitar sobre o parapeito e para o pátio em baixo. Era um espaço sombrio, rodeado por paredes a pique de pedra cinzenta com um poço no meio. Mas, de resto, o pátio estava vazio, ao contrário dos edifícios ricamente ornamentados que normalmente se podiam encontrar em Acre. Ali, vários guardas vestiam os casacos negros acolchoados dos cavaleiros Hospitalários com a cruz branca ao peito e havia também um grupo de monges. No meio deles andavam o que parecia ser pacientes, descalços e sem camisa. Eram pobres desgraçados que vagueavam sem rumo de um lado para o outro, sem expressão na cara e os olhos vazios.

Altaïr franziu o sobrolho. Mesmo com o passadiço sem guarda, era impossível descer para o pátio sem ser visto. Dirigiu-se para a parede de entrada do hospital, de modo a conseguir ver a rua do lado de fora. Na pedra pintada de branco pela luz do sol, os habitantes da cidade doentes e as suas famílias suplicavam aos guardas para os deixarem entrar. Outros, alienados, deambulavam pelo meio da multidão com os braços no ar e a gritar coisas sem nexo e obscenidades.

E ali, Altaïr sorriu por os ver, estava um grupo de eruditos. Atravesavam pela multidão como se não estivesse lá, insensíveis ao sofrimento e tumulto à sua volta. Pareciam ir na direcção do hospital. Altaïr tirou partido da desordem e desceu para a rua sem ninguém notar. Juntou-se às fileiras de eruditos e baixou a cabeça para centrar o olhar no andamento dos pés.

De vez em quando arriscava um olhar rápido para se localizar e, de acordo com o que esperava, dirigiam-se para o hospital onde os guardas abriram caminho e os deixaram entrar no pátio.

Altaïr franziu o nariz. Enquanto a rua tinha o odor da cidade, das padarias e dos perfumes e especiarias, ali dentro havia o fedor do sofrimento, da morte e de dejectos humanos. Vindo de algum lado, para lá de umas portas fechadas, vinha uma série de gritos de dor, depois um gemido baixo. Ali seria o hospital central, pensou. Viu que estava certo quando, subitamente, as portas se escancararam e um paciente correu tresloucadamente para o pátio.

— *Não! Socorro! Ajudem-me!* — gritava. A sua cara contorcia-se de medo e os seus olhos estavam arregalados. — *Ajudem-me, por favor! Têm de me ajudar!*

Atrás dele vinha um guarda. Tinha um olho preguiçoso, como se os músculos da pálpebra tivessem sido cortados. Correu atrás do louco em fuga até o apanhar. Depois, outro guarda juntou-se a ele e começaram a esmurrar e pontapear o louco até ele ficar subjugado e de joelhos.

Altaïr observou-os. Sentiu o queixo a endurecer e os punhos cerraram-se à medida que os guardas batiam no homem. Os outros pacientes aproximaram-se para verem melhor o espectáculo mas as suas caras mostravam apenas um interesse esbatido e balançavam-se ligeiramente.

— Misericórdia — uivava o louco enquanto choviam golpes sobre ele. — Imploro misericórdia. Mais não!

Parou. De repente esqueceu a dor quando as portas do hospital se abriram e, de pé, estava um homem que só podia ser Garnier de Naplouse.

Era mais baixo do que Altaïr estava à espera. Não tinha barba e tinha cabelo branco e ralo, olhos fundos e uma boca cruel e virada para baixo que lhe dava um ar cadavérico. Trazia a cruz branca dos Hospitalários nos braços e tinha um crucifixo à volta do pescoço, mas Altaïr podia ver que, quem quer que fosse o Deus a quem ele rezava, já o tinha abandonado. Isto porque também trazia um avental. Um avental sujo e manchado de sangue.

Agora olhava sombriamente para o louco prostrado à sua frente, agarrado pelo Olho Preguiçoso e por outro guarda, enquanto o Olho Preguiçoso erguia a mão para o esmurrar novamente.

— Chega, meu filho — ordenou de Naplouse. — Pedi-te para agarrares o paciente, não para o matares.

O Olho Preguiçoso baixou a mão relutantemente à medida que Naplouse se aproximava do louco, que gemia e tentava libertar-se como um animal assustado.

De Naplouse sorriu, já sem qualquer dureza.

— Vá, vá — disse ao louco, quase ternamente. — Vai ficar tudo bem.

Dá-me a tua mão.

O louco abanou a cabeça.

— Não, não! Não me toques. Outra vez não...

De Naplouse franziu o sobrolho, como se tivesse ficado um pouco magoado pela reacção do homem.

— Se não afastares esse medo, não te posso ajudar — disse num tom calmo.

— Ajudar-me? Como ajudaste os outros? Levaste-lhes as *almas*. Mas a minha não. Não vais ficar com a minha. Nunca, nunca, nunca... *A minha não a minha não a minha não a minha não...*

A suavidade desapareceu quando de Naplouse esbofeteou o louco.

— Controla-te — rosnou. Os seus olhos cavados flamejavam e a cabeça do outro descaiu. — Pensas que isto me dá prazer? Pensas que *quero* magoar-te? Mas não me dás escolha...

De repente, o louco conseguiu soltar-se dos dois guardas e tentou correr para o meio da multidão que os observava.

— Todas as palavras bondosas seguem-se com as costas da mão... — guinchou, a passar perto de Altaïr enquanto os dois guardas corriam atrás dele. — São tudo mentiras e embustes. Só ficará satisfeito quando toda a gente se curvar perante ele.

O Olho Preguiçoso apanhou-o e arrastou-o de volta para diante de de Naplouse, onde ele choramingava sob o olhar frio do Grão-Mestre.

— Não devias ter feito isso — disse de Naplouse lentamente, depois para o Olho Preguiçoso.

— Coloca-o de volta nos seus aposentos. Vou lá ter assim que tiver cuidado dos outros.

— *Não me podem manter aqui!* — gritava o louco. — *Vou fugir de novo.*

De Naplouse parou.

— Não, não vais — disse calmamente, depois virou-se para o Olho Preguiçoso.

— Parte-lhe as pernas. As duas.

O Olho Preguiçoso sorriu e o louco tentou escapar-se. Depois, deram-se dois estalidos repugnantes, como madeira a ser partida, com o cavaleiro enorme a pisar uma das pernas, depois a outra. A vítima gritava e Altaïr deparou-se a avançar, incapaz de se conter, fervilhando perante aquela crueldade gratuita.

Depois, o momento tinha passado. O homem tinha perdido os sentidos, sem dúvida devido à dor ser demasiada para suportar, e os dois guardas arrastaram-no. De Naplouse olhava-o. O ar compassivo tinha voltado à sua face.

— Tenho tanta pena, filho — dizia, quase para si mesmo, antes de se



virar contra a multidão. — Não têm nada melhor para fazer? — vociferou e olhou sombriamente para os monges e pacientes, que dispersaram lentamente. Quando Altaïr virou as costas para se juntar a eles, viu que de Naplouse observava cuidadosamente a multidão, como se procurasse alguém que tivesse vindo para o matar.

Ótimo, pensou Altaïr, ao ouvir a porta do hospital fechar quando o Grão-Mestre deixou o pátio. Deixa-o ter medo. Deixa-o sentir um pouco daquilo que ele inflige aos outros. A ideia animou-o e juntou-se aos eruditos que iam passar por uma segunda porta. Esta conduziu-os à ala principal, onde os colchões de palha de pouco serviam para tapar o fedor de sofrimento e dejectos humanos. Altaïr tentava conter o vômito e reparou que vários dos eruditos tinham levado o tecido das suas vestes ao nariz para bloquear o cheiro. Era daqui que vinham os gemidos e Altaïr viu camas de hospital que continham homens que se lamentavam e ocasionalmente gritavam de dor. Mantendo a cabeça curvada, olhou por debaixo do capuz e viu de Naplouse a aproximar-se de uma cama na qual um homem emaciado jazia preso por amarras de couro.

— Como te sentes? — perguntou de Naplouse.

Em dores, o paciente chiava.

— O que me fizeste...?

— Ah, sim. A dor. No princípio dói, não vou mentir. É um pequeno preço a pagar. Com o tempo irás concordar.

O homem tentava levantar a cabeça da cama.

— És... um monstro...

De Naplouse sorria com complacência.

— Já me chamaram pior — andou para lá de uma grade de madeira que continha outra cama para ver outro... não, Altaïr apercebeu-se que não era um paciente. Estes pobres coitados eram cobaias. Eram *experiências*. Debateu-se de novo para controlar a raiva. Olhou à sua volta. A maioria dos guardas estava reunida na outra ponta da ala. Tal como no pátio, havia vários pacientes desorientados a cambalear por todo o lado e Altaïr viu o mesmo grupo de monges que pareciam ficar suspensos de todas as palavras de de Naplouse mas permanecendo a uma distância respeitosa, falando entre eles enquanto o Grão-Mestre fazia as suas rondas.

Se fosse fazê-lo, e ia fazê-lo, teria que ser brevemente.

Mas, de seguida, de Naplouse avançou para outra cama, sorrindo para o homem que lá estava deitado.

— Dizem que já consegues andar — disse bondosamente. — É impressionante.

O homem parecia estar confuso.

— Já foi... há tanto tempo. Quase me esqueci... como era.  
De Naplouse parecia estar satisfeito, genuinamente satisfeito. Disse, radiante:

— Isso é maravilhoso.

— Não... compreendo. Porque me ajudou?

— Porque mais ninguém o faria — respondeu de Naplouse, avançando.

— Devo-lhe a minha vida — disse o homem na cama seguinte. — Estou às suas ordens. Obrigado. Obrigado por me ter libertado.

— Obrigado por me teres deixado fazê-lo — respondeu de Naplouse.

Altaïr hesitou por um momento. Estaria enganado? *Não* seria de Naplouse um monstro? Depois, com a mesma rapidez, afastou as dúvidas, lembrando-se então dos gritos de agonia do louco quando eles lhe partiram as pernas e dos pacientes sem vida que deambulavam pelo hospital. Se realmente havia exemplos de cura aqui, então certamente seriam superados pelos actos de barbarismo.

Agora de Naplouse tinha chegado à última cama na ala. Dentro de momentos iria partir e a oportunidade de Altaïr acabaria. Decidido, o Assassino olhou para trás. Os guardas continuavam ocupados no fundo do corredor. Saiu para fora do grupo de eruditos e colocou-se atrás de de Naplouse assim que o Grão-Mestre se inclinou para o paciente.

A lâmina de Altaïr saltou para fora e ele espetou-a, agarrando de Naplouse e abafando o seu grito enquanto ele arqueava as costas com dores. Quase com gentileza, o Assassino baixou o médico espetado até ao chão.

— Abandona o teu fardo — sussurrou.

De Naplouse pestanejou e levantou o olhar para a cara do Assassino. Mas não havia medo naqueles olhos moribundos. O que Altaïr via era preocupação.

— Ah.. Vou descansar agora, sim? — disse ele. — O sonho interminável chama-me. Mas, antes de fechar os olhos, tenho de saber: o que será dos meus filhos?

— *Filhos?* Queres dizer as pessoas que são obrigadas a sofrer com as tuas experiências cruéis? — Altaïr não conseguia conter o asco na sua voz. — Eles vão ficar livres para voltarem para as suas casas.

De Naplouse riu-se secamente.

— Casas? Quais casas? Os esgotos? Os bordéis? As prisões de onde os arrancámos?

— Levaste estas pessoas contra a sua vontade — disse Altaïr.

— Sim. A pouca vontade que eles ainda tinham — gaguejou de Naplouse. — És assim tão ingénuo? Satisfazes uma criança que chora apenas porque se lamenta? “Mas eu quero brincar com o fogo, pai.” O que dirias tu? “Como queiras”? Ah... mas depois terias que responder pelas suas queimaduras.

— Estas não são crianças — disse Altaïr, com vontade de compreender o homem moribundo —, mas sim homens e mulheres adultos.

— Fisicamente, talvez. Mas psicologicamente não. É esse o dano que eu procurei reparar. Admito que, sem o artefacto que vocês nos *roubaram*, o meu progresso abrandou. Mas há ervas. Misturas e extractos. Os meus guardas são prova disso. Eram loucos antes de os ter encontrado e os ter libertado das prisões que eram as suas mentes. E, com a minha morte, tornar-se-ão loucos outra vez...

— Acreditas verdadeiramente que os estavas a ajudar?

De Naplouse sorriu, o brilho dos olhos começava a deixá-los.

— Não é o que acredito. É o que eu sei.

Morreu. Altaïr encostou a sua cabeça na pedra, pegou na pena de Al Mualim e manchou-a de sangue.

— Que a morte não seja dura — sussurrou.

No mesmo instante, ouviu-se um grito vindo dos monges que estavam próximos. Altaïr levantou-se de perto do corpo e viu os guardas a correrem pela ala abaixo na sua direcção. Quando eles desembainharam as espadas, ele saltou e fugiu, dirigindo-se para uma porta no outro extremo que, desejava ele fervorosamente, dava para o pátio.

Abriu-se e ficou satisfeito de ver o pátio à sua frente.

Ficou menos satisfeito por ver o Olho Vago, que abalroou a porta aberta de espada larga em riste...

Altaïr desembainhou a sua própria espada e, com a lâmina num braço e a espada na outra mão, defrontou o Olho Preguiçoso num choque de aço. Altaïr conseguia ver de perto a pele ferida no olho do cavaleiro. Depois, o Olho Vago empurrou-o e deu imediatamente um golpe em frente, que se cruzou com a espada de Altaïr, mas reajustando-se tão rapidamente que Altaïr quase falhou a defesa. O Assassino saltou para longe com o objectivo de ganhar espaço entre ele e o Olho Preguiçoso, que era melhor esgrimista do que ele tinha previsto. Também era grande. Os tendões do seu pescoço eram protuberantes, desenvolvidos devido a anos de manuseamento da enorme espada larga. Atrás de si Altaïr ouvia os outros guardas a chegar, depois a parar com um sinal do Olho Vago.

— Ele é meu — rosou o cavaleiro gigantesco.

Era arrogante, tinha excesso de confiança. Altaïr sorriu, saboreando a ironia. Depois, deu um passo em frente, com a lâmina vinda de cima. Com um sorriso, o Olho Vago defendeu o golpe e grunhiu enquanto Altaïr saltou para o lado, atacando o Olho Vago pelo outro flanco. Era o flanco do olho danificado, o seu ponto fraco, e Altaïr desferiu um golpe no pescoço.

A garganta do cavaleiro abriu-se e jorrou sangue da ferida enquanto ele caiu de joelhos. Atrás de Altaïr deu-se um grito de surpresa, por isso

começou a correr, chocando contra um grupo de loucos que se tinham juntado para ver. Depois, atravessou o pátio a correr, passou pelo poço e por debaixo da arcada que dava para Acre.

Parou para olhar para os telhados. De seguida, saltou por cima de uma bancada, com o comerciante a abanar os punhos zangado enquanto ele escalava uma parede atrás dele e chegava aos telhados. A correr e a saltar, deixou o pesadelo do hospital para trás e fundiu-se com a cidade ainda a remoer as últimas palavras de de Naplouse. O *artefacto* de que tinha falado. Por um momento, Altaïr pensou na caixa na secretária de Al Mualim, mas não. Que ligação poderia o Hospitalário ter com isso?

Mas, se não fosse isso, então o que seria?

— Garnier de Naplouse está morto — dissera a Al Mualim dias depois.  
— Excelente — O Mestre acenou em aprovação. — Não podíamos desejar um resultado mais satisfatório.

— No entanto... — começou Altaïr.

— O que é?

— O médico insistiu que o seu trabalho era nobre — disse Altaïr. — E, em retrospectiva, de todos os que supostamente eram seus prisioneiros, muitos estavam-lhe gratos. Não eram todos, mas eram os suficientes para me terem feito duvidar... Como conseguiu ele transformar inimigos em amigos?

Al Mualim rira-se.

— Os líderes arranjam sempre formas de fazer com que os outros lhes obedçam. E é isso que os faz serem líderes. Quando falham as palavras, viram-se para as moedas. Quando isso não chega, recorrem a coisas mais básicas: subornos, ameaças e outros tipos de subterfúgios. Há plantas, Altaïr, ervas de terras distantes, que podem fazer com que um homem abandone a sua consciência. São tão grandes os prazeres que elas trazem que há homens que até podem ser escravizados por elas.

Altaïr assentiu, pensando nos pacientes alheados. O homem louco.

— Então pensa que estes homens foram drogados? Envenenados?

— Sim, se realmente foi como descreveste — disse Al Mualim. Os nossos inimigos já me acusaram do mesmo.

Depois, dera a Altaïr a sua tarefa seguinte e Altaïr questionara-se por que razão teria o Mestre sorrido quando este lhe tinha dito para concluir as suas investigações e depois reportar ao *rafiq* da Agência de Assassinos em Jerusalém.

Agora, ao entrar na Agência, percebeu porquê. Era porque se tinha divertido ao pensar que Altaïr iria cruzar caminho novamente com Malik.

O Assassino levantou-se por detrás da secretária quando Altaïr en-

trou. Por um instante, os dois olharam-se mutuamente, ambos sem esconder o seu desdém. Depois, lentamente, Malik virou-se, mostrando a Altaïr onde, em tempos, estava o seu braço.

Altaïr empalideceu. Claro. Inutilizado na luta contra os homens de de Sablé, os melhores cirurgiões de Maysaf não tinham sido capazes de salvar o braço esquerdo de Malik. E, assim, viram-se obrigados a amputá-lo.

Malik tinha o sorriso agriçoce da vitória que tinha vindo com um preço demasiado alto, e Altaïr lembrou-se disso. Lembrou-se que tinha a obrigação de tratar Malik acima de tudo com humildade e respeito. Curvou a cabeça em reconhecimento das perdas do outro homem. O seu irmão. O seu braço. O seu estatuto.

— Segurança e paz, Malik — disse por fim.

— A tua presença aqui faz com que não tenha nenhuma das duas — ripostou Malik. Ele, pelo contrário, tinha bastantes motivos para tratar Altaïr com desdém e, evidentemente, tencionava fazê-lo.

— O que queres?

— Al Mualim pediu...

— Pediu que fizesses uma tarefa qualquer na tentativa de te redimires? — zombou Malik. — Muito bem. Desembucha. O que descobriste?

— Isto é o que sei — respondeu Altaïr. — O alvo é Talal, que trafica vidas humanas. Rapta cidadãos de Jerusalém e vende-os como escravos. A sua base é um armazém localizado dentro do barbacã a norte daqui. Neste preciso momento, ele está a preparar uma caravana para viajar. Vou atacar quando estiver a inspeccionar a sua mercadoria. Se conseguir evitar os seus homens, Talal deverá ser fácil de tratar.

Malik apertou os lábios.

— “Fácil de tratar”? Olha para ti. Que arrogância!

Altaïr censurou-se silenciosamente. Malik tinha razão. Pensou em como tinha subestimado o orador em Damasco que quase o tinha vencido.

— Terminámos? — perguntou, sem mostrar os seus pensamentos a Malik. — Estás satisfeito com o que aprendi?

— Não — disse Malik, dando a pena a Altaïr —, mas vai ter de servir.

Altaïr assentiu. Olhou para onde a manga de Malik caía vazia e quase disse algo até se aperceber que não havia palavras que expiassem os seus fracassos. O preço para Malik tinha sido demasiado alto para que Altaïr alguma vez pudesse esperar perdão dele.

Em vez disso, virou-se e saiu da Agência. Mais um alvo estaria destinado a sentir o sabor da sua lâmina.

Pouco tempo depois, Altaïr esgueirava-se para dentro do armazém onde os carregamentos estavam a ser preparados. Olhou à volta e não gostou do que viu.

Não havia guardas. Não havia acólitos.

Deu dois passos em frente, depois parou. Não. O que lhe estava a passar pela cabeça? Estava tudo errado naquele armazém. Estava prestes a dar a volta e partir quando subitamente a porta se fechou e ouviu o som inconfundível de uma tranca a fechar-se.

Praguejou e desembainhou a espada.

Avançou devagar com os sentidos a ajustarem-se gradualmente à escuridão, à humidade, ao cheiro das tochas e...

Havia outra coisa. Era um odor de estrebaria que Altaïr achou mais próximo do humano que do animal.

As chamas fracas das tochas iluminavam as paredes escuras e lisas e, algures, ouvia-se o pingar de água. O som que ouviu a seguir foi o de um gemido grave.

Com os olhos a adaptarem-se lentamente, avançou devagar, conseguindo avistar caixotes e barris e depois... uma jaula. Havia um homem dentro dela. Era um homem patético e contraído, sentado com as pernas junto ao peito e a olhar para Altaïr com olhos lamuriosos e aguados. Levantou uma mão trémula.

— Ajuda-me — disse.

Depois, vindo de trás, Altaïr ouviu outro som e virou-se para ver um segundo homem. Estava suspenso da parede, com os pulsos e tornozelos agrilhoados. A sua cabeça caía sobre o peito e tinha cabelo sujo sobre a cara, mas os seus lábios pareciam mover-se como se estivesse a rezar.

Altaïr aproximou-se dele. Depois, ao ouvir outra voz junto a seus pés, olhou para baixo e viu uma grelha de ferro incrustada nas lajes do chão do armazém. Por detrás dela olhava-o uma cara assustada de outro escravo,

com os dedos esqueléticos a atravessarem a grade em apelo a Altaïr. Atrás dele, dentro do fosso, o Assassino via mais figuras escuras, ouvia rastejos e mais vozes. Por um instante era como se a sala estivesse carregada com as súplicas dos prisioneiros.

— Ajuda-me, ajuda-me.

Era um som insistente de imploração que lhe fez ter vontade de tapar os ouvidos. Até que, repentinamente, ouviu uma voz mais alta:

— Não devias ter vindo, Assassino.

“Só pode ser Talal” pensou.

Altaïr golpeou na direcção do barulho e viu sombras mexerem-se numa varanda por cima de si. Arqueiros? Ficou tenso e agachou-se, de espada em riste, para se tornar um alvo o mais pequeno possível.

Mas se Talal o quisesse matar, ele já estaria morto por esta altura. Tinha entrado directamente na armadilha do traficante de escravos. Era um erro idiota, de principiante, mas Altaïr ainda não tinha sido completamente apanhado.

— Mas tu não és o tipo de pessoa que oiça — gozou Talal —, não vás tu pôr em perigo a tua Irmandade.

Altaïr avançou lentamente, ainda a tentar localizar Talal. Ele estava por cima, disso não havia dúvidas. Mas onde?

— Pensavas que eu não iria saber da tua presença? — continuava a voz sem corpo, com uma gargalhada. — Eu soube de ti desde o instante em que entraste nesta cidade, tal é o meu alcance.

Por debaixo, ouvia os lamentos e olhando para lá viu mais grades, mais caras sujas e raiadas de lágrimas a olhar para ele da escuridão.

— *Ajuda-me... Salva-me...*

Aqui havia mais jaulas, mais escravos, tanto homens como mulheres. Eram pedintes, prostitutas, bêbados e loucos.

— Ajuda-me. Ajuda-me.

— Então há aqui escravos — gritou Altaïr —, mas onde estão os traficantes?

Talal ignorou-o.

— Olha para o meu trabalho em toda a sua glória — anunciou, e acenderam-se mais luzes que revelaram mais caras amedrontadas e lamuriasas.

Em frente a Altaïr abriu-se um segundo portão, dando-lhe entrada para outra sala. Subiu um lance de escadas e entrou num espaço amplo com uma galeria em toda a volta acima de si. Ali viu figuras nas sombras e apertou o punho da espada.

— O que queres agora, traficante? — gritou.

Talal estava a tentar assustá-lo. Era verdade que havia coisas que as-



sustavam Altaïr, mas tinha a certeza que o traficante de escravos não tinha capacidade de produzir nenhuma delas.

— Não me chames isso — bradou Talal. — Eu só quero ajudá-los. Tal como me ajudaram a mim.

Altaïr ainda conseguia ouvir os gemidos graves dos escravos da divisão atrás dele. Tinha dúvidas se eles achariam que estavam a ser ajudados.

— Não fazes caridade a aprisioná-los desta maneira — gritou para a escuridão.

Talal continuava escondido.

— Aprisioná-los? Eu mantenho-os a salvo, preparo-os para a viagem que se segue.

— Qual viagem? — escarneceu Altaïr. — É uma vida de escravidão.

— Não entendes nada. Foi um erro trazer-te aqui. E pensar que irias ver e compreender.

— Compreendo que chegue. Falta-te a coragem para me enfrentares, preferes esconder-te entre as sombras. Chega de conversa. Mostra-te.

— Ah... Então queres ver o homem que te trouxe aqui?

Ouviu um movimento na galeria.

— Não me trouxeste aqui — gritou. — Vim por mim próprio.

Ecoaram gargalhadas vindas das varandas por cima de Altaïr.

— Vieste? — zombou Talal. — Quem destrancou a porta? Quem abriu caminho? Ergueste a tua lâmina contra algum dos meus homens? Não. Fui eu que fiz tudo isto para ti.

Moveu-se qualquer coisa no tecto por cima da galeria que projectou um pedaço de luz no chão de pedra.

— Vá, avança para a luz — gritou Talal de cima —, e eu faço-te um último favor.

Mais uma vez, Altaïr disse a si mesmo que, se Talal o quisesse morto, os seus arqueiros já o teriam enchido de setas por esta altura e avançou para a luz. Ao fazê-lo, surgiram homens encapuçados vindos das sombras da galeria e saltaram para baixo, rodeando-o silenciosamente. Olhavam-no com olhos frios, as espadas baixas de lado e os troncos a aumentar e contrair.

Altaïr engoliu em seco. Eram seis deles. Era tudo menos “fácil de tratar”.

Depois, vieram as passadas de cima e olhou para a galeria onde Talal saiu do lusco-fusco e estava agora de pé a olhar para ele. Vestia uma túnica às riscas e um cinto grosso. Por cima do ombro tinha um arco.

— Agora estou à tua frente — disse, abrindo os braços, sorrindo como se estivesse a receber calorosamente um convidado em sua casa. — O que desejas?

— Vem cá abaixo — Altaïr apontou com a espada. — Vamos resolver isto com honra.

— Porque temos sempre de recorrer à violência? — respondeu Talal num tom quase desapontado com Altaïr, acrescentando:

— Parece que não te posso ajudar, Assassino, pois tu não te queres ajudar a ti mesmo. E não posso permitir que o meu trabalho seja ameaçado. Não me dás escolha, tens de morrer.

Acenou para os seus homens.

Eles ergueram as espadas.

Depois, atacaram.

Altaïr rosnou e viu-se a ter que se defender de dois ao mesmo tempo, empurrando-os para trás e virando de imediato a sua atenção para um terceiro. Os outros esperaram pela sua vez. A estratégia deles, Altaïr apercebeu-se rapidamente, era a de o acoressarem aos pares.

Altaïr conseguia aguentar isso. Agarrou num, satisfeito por ver os seus olhos arregalarem-se em choque por detrás da sua máscara, depois atirou-o para trás contra um quinto homem e chocaram os dois contra um andaime que se desintegrou à sua volta. Altaïr aproveitou a vantagem e, ao apunhalar com a ponta da espada, ouviu um grito e barulho de morte do homem que estava estendido na pedra.

Os atacantes reorganizaram-se e olharam uns para os outros à medida que o rodeavam. Altaïr virava-se para eles, de espada em riste, a sorrir e agora já quase satisfeito. Conseguia vê-lo nas caras deles. Cinco deles, algózes treinados e encapuçados contra um só Assassino. Tinham-no achado um alvo fácil. Uma luta depois e já não tinham tanta certeza.

Escolheu um deles. Era um velho truque que Al Mualim lhe ensinara para quando defrontasse vários adversários ao mesmo tempo.

Altaïr fixou com intenção o olhar num guarda à sua frente...

“Não ignores os outros, mas concentra-te num. Torna-o no teu alvo. Fá-lo saber que ele é o teu alvo.”

Sorriu. O guarda lamuriou-se

“Depois, acaba com ele.”

Como uma cobra, Altaïr atacou, investindo contra o guarda que era demasiado lento para reagir e olhava para a lâmina de Altaïr quando esta atravessou o seu peito, depois gemeu enquanto caía de joelhos. Num rasgar de carne, Altaïr retirou a espada, depois virou a atenção para o homem seguinte.

“Escolhe um dos teus adversários...”

O guarda parecia estar aterrorizado; agora nada tinha a ver com um algóze e a sua espada começou a tremer. Gritou algo num dialecto que Altaïr não compreendeu, depois avançou atabalhoadamente na esperança de ganhar a batalha a Altaïr, que deu um passo para o lado e esquartejou o estômago do homem. Altaïr ficou contente por ver que as suas entranhas

brilhantes jorravam para fora da ferida. Do alto, a voz de Talal incitava os seus homens a atacarem imediatamente. Agora já não pareciam tão intimidadores, com ou sem máscaras. Pareciam ser aquilo que eram: homens amedrontados prestes a morrer.

Altaïr eliminou mais um, com sangue a jorrar do pescoço cortado. O último virou-se e fugiu, na esperança de encontrar abrigo na galeria. Mas Altaïr embainhou a espada, agarrou num par de facas e atirou-as, girando, reluzentes – uma, duas – para as costas do homem em fuga de modo que caiu da escada. Já não poderia escapar.

Altaïr ouviu passos de corrida vindos de cima. Talal estava a fugir. Depois de se baixar para recuperar as suas facas, Altaïr subiu ele próprio a escada, chegando ao segundo andar mesmo a tempo de ver Talal a correr por um segundo lance de escadas que dava para o telhado.

O Assassino foi atrás dele através de um alçapão no topo do armazém, conseguindo inclinar a cabeça para trás mesmo a tempo de evitar uma seta que se espetou a tremer na madeira atrás de si. Viu o arqueiro num telhado distante já a preparar uma segunda seta e ergueu-se de fora do alçapão para rebolar sobre o telhado e atirar as duas facas ainda molhadas com o sangue da sua vítima anterior.

O arqueiro gritou e caiu, com uma faca espetada no pescoço e a outra no peito. Mais à frente, Altaïr viu Talal a correr por uma ponte entre as casas e, de seguida, a saltar para um andaime e a descer para a rua. Ali, esticou o pescoço, viu Altaïr já em sua perseguição e continuou a correr.

Altaïr já estava a ganhar terreno. Era rápido e, ao contrário de Talal, não estava constantemente a olhar sobre o ombro para ver se estava a ser seguido. E como não estava a fazer isso, não estava a chocar contra transeuntes desprevenidos como acontecia com Talal. Eram mulheres que guinchavam e o repreendiam, homens que praguejavam e o empurravam para trás.

Tudo isto abrandava o seu progresso pelas ruas e mercados, de tal forma que rapidamente tinha desperdiçado o seu avanço e, quando virou a cara, Altaïr já conseguia ver o branco dos seus olhos.

— Foge agora — gritava Talal por cima do ombro — enquanto podes. Os meus guardas irão chegar em breve.

Altaïr deu uma risada enquanto continuava a correr.

— Desiste desta perseguição e eu deixo-te viver — guinchou Talal. Altaïr não dizia nada, continuava a correr atrás dele. Movia-se agilmente pelas multidões, saltando sobre as mercadorias que Talal punha atrás de si para abrandar o seu perseguidor. Altaïr estava a ganhar terreno e a perseguição estava no seu fim.

À sua frente, Talal virou a cara uma vez mais, viu que a distância entre os dois se fechava e tentou apelar a Altaïr novamente.

— Espera e ouve-me — bramiu, com desespero na voz. — Talvez possamos chegar a um acordo.

Altair não dizia nada, apenas observava enquanto Talal se virava novamente. O traficante de escravos estava agora prestes a colidir com uma mulher com a cara escondida atrás de vários frascos. Nenhum dos dois estava a olhar por onde ia.

— Não te fiz nada — gritava Talal, esquecendo-se, possivelmente, que apenas minutos antes tinha ordenado a seis homens que o matassem. — Porque insistes em perseguir...

O ar saiu-lhe do corpo numa lufada, ficou num emaranhado de braços e pernas e Talal caiu por terra juntamente com a mulher dos frascos, que se estilhaçaram à volta deles.

Talal tentou levantar-se mas era demasiado lento e Altair estava sobre ele. *Snick*. Assim que a sua lâmina sedenta surgiu, mergulhou-a no homem e ficou ajoelhado a seu lado, com o sangue já a jorrar do nariz e boca de Talal. Perto deles, a mulher dos frascos levantou-se, com a cara ao rubro e indignada, prestes a virar-se contra Talal. Ao ver Altair e a sua lâmina, para não falar no sangue que escorria de Talal, mudou de ideias e fugiu a chorar. Outras pessoas afastaram-se ao sentirem que algo se passava. Em Jerusalém, uma cidade acostuada ao conflito, os habitantes preferiam não ficar parados a olhar para actos de violência com medo de se tornarem parte dela.

Altair inclinou-se para Talal.

— Agora não tens para onde ir — disse. — Partilha os teus segredos comigo.

— Já desempenhei o meu papel, Assassino — respondeu Talal. — A Irmandade não é assim tão fraca que a minha morte faça com que o seu trabalho pare.

A mente de Altair saltou para Tamir. Também ele tinha falado de outras pessoas enquanto morria. Também ele tinha falado de irmãos.

— Que Irmandade? — instigou.

Talal conseguiu sorrir.

— Al Mualim não é o único com planos para a Terra Santa. Isso é tudo o que conseguirás obter de mim.

— Então acabámos. Pede perdão ao teu Deus.

— Deus não existe, Assassino — Talal riu-se com dificuldade. — E se alguma vez existiu, há muito que nos abandonou. Há muito que abandonou os homens e mulheres que recebi sob a minha alçada.

— O que queres dizer?

— Pedintes. Prostitutas. Viciados. Leprosos. Parecem-te escravos decentes? Não são capazes de fazer nem as tarefas mais baixas. Não...

Eu apanhei-os não para os vender, mas para os *salvar*. E, no entanto, tu matar-nos-ias a todos. Por nenhum outro motivo a não ser que te foi pedido que o fizesses.

— Não — disse Altaïr, agora confuso. — Tu lucras com a guerra. Com vidas perdidas e vergadas.

— É normal que penses isso, ignorante como és. Bloqueaste a mente, foi? Dizem que é o que os teus fazem melhor. Não vês a ironia em tudo isto?

Altaïr olhou para ele. Era tal como tinha sido com de Naplouse. As palavras do homem moribundo ameaçavam subverter tudo o que Altaïr sabia sobre o seu alvo; ou, pelo menos, aquilo que pensava saber.

— Não, parece que ainda não — Talal conseguiu fazer um último sorriso face ao ar evidentemente confuso de Altaïr. — Mas irás ver.

E, com isto, morreu.

Altaïr chegou-se para fechar os seus olhos, enquanto murmurou:

— Lamento — e passou a sua marca pelo sangue, depois levantou-se e perdeu-se na multidão, deixando o corpo de Talal nas suas costas a manchar a areia.

Altaïr descansava e acampava junto a poços, depressões de água ou fontes durante as suas viagens: qualquer sítio onde houvesse sombra de palmeiras, onde pudesse descansar e onde a sua montada pudesse pastar livremente na erva. Era comum ser o único pedaço de verde até onde a vista alcançava, por isso havia poucas hipóteses de o seu cavalo fugir.

Nessa noite, encontrou uma fonte que tinha sido emparedada e protegida com uma abóbada para impedir que o deserto engolisse o precioso ponto de água, e ele bebeu bastante. Depois, abrigou-se debaixo da mesma e ouviu o pingar do outro lado da parede toscamente lavrada enquanto pensava na vida a escapar-se de Talal. Os seus pensamentos recuaram ainda mais, para os cadáveres do seu passado. Era uma vida marcada pela morte.

Quando era jovem, encontrara-a pela primeira vez durante o cerco. Assassinos e sarracenos e, claro, o seu próprio pai, embora tivesse sido misericordiosamente poupado a vê-lo. Ainda assim, ouvira-o. Tinha ouvido a espada cair, seguida de uma batida suave e correra em direcção ao postigo do portão com vontade de se juntar a seu pai, quando o agarraram.

Tinha-se debatido a gritar:

— Deixem-me ir! Deixem-me ir!

— Não, rapaz — E Altaïr vira que era Ahmad, o agente cuja vida o seu pai tinha trocado pela sua. E Altaïr olhara para ele, com olhos que flamejavam de ódio, sem se importar que Ahmad regressara maltratado, ensanguentado e que mal se conseguia manter em pé. O seu espírito estava marcado pela vergonha de ter sucumbido ao interrogatório dos sarracenos. Altaïr apenas se importava que o seu pai se tinha entregado à morte e...

— *A culpa é tua!* — tinha gritado, a contorcer-se e a escapar-se de Ahmad, que permanecera móvel com a cabeça curvada, a receber as palavras do rapaz como se fossem murros.

— A culpa é tua — Altaïr atirara de novo, depois sentou-se sobre a relva quebradiça, metendo a cabeça entre as mãos com vontade de se iso-

lar do mundo. A uns passos de distância, Ahmad, exausto e vencido, caíra também por terra.

Do lado de fora das muralhas da cidadela, os sarracenos partiram, deixando para trás o corpo decapitado do pai de Altaïr para os Assassinos recolherem e feridas que nunca sarariam.

Durante algum tempo, Altaïr ficara nos aposentos que partilhava com o pai, de paredes em pedra cinzenta, juncos no chão, uma secretária simples entre dois catres, um maior e outro mais pequeno. Tinha mudado de cama; dormira na maior para poder sentir o cheiro do pai. Às vezes imaginava-o no quarto, sentado a ler na secretária, a rabiscar num rolo de pergaminho ou a regressar tarde e repreender Altaïr por ainda estar acordado, apagando depois a sua vela antes de se deitar. A imaginação era tudo o que lhe restava agora, Altaïr, o órfão. Isso e as suas memórias. Al Muallim tinha dito que ele seria chamado a seu tempo, quando tivessem sido feitos os preparativos para o seu futuro. Entretanto, o mestre sorriera e dissera que, se Altaïr precisasse de alguma coisa, deveria vê-lo como seu mentor.

Entretanto, Ahmad estava doente com febre. Em algumas noites, os seus delírios eram ouvidos pela cidadela fora. Por vezes gritava como se estivesse com dores, outras como se fosse demente. Certa noite, gritava uma palavra vezes sem conta. Altaïr tinha-se levantado da cama e ido à janela, julgando que o que tinha ouvido fora o nome do seu pai.

E era.

— *Umar* — ouvi-lo era como uma bofetada.

— *Umar* — o urro parecia ecoar no pátio vazio em baixo. — *Umar*.

Não, não estava vazio. Ao olhar com mais atenção, Altaïr podia distinguir a figura de uma criança mais ou menos da sua idade, parada como uma sentinela no meio da leve névoa matinal que cobria o campo de treino. Era Abbas. Altaïr conhecia-o mal, sabia apenas que se chamava Abbas Sofian e era filho de Ahmad Sofian. O rapaz estava parado a ouvir os delírios dementes do pai, possivelmente a fazer preces silenciosas por ele, e Altaïr vira-o durante uns breves instantes, encontrando algo de admirável na sua vigília silenciosa. Depois, descera a cortina e regressou para a cama, tapando os ouvidos com as mãos para deixar de ouvir Ahmad a chamar pelo nome do seu pai. Tentara inspirar o odor do pai e descobriu que se estava a desvanecer.

No dia seguinte disseram que a febre de Ahmad se tinha dissipado e que ele tinha regressado aos seus aposentos, ainda que um homem acabado. Altaïr tinha ouvido que ele estava de cama assistido por Abbas. Ouvira que ele tinha ficado assim durante dois dias.

Na noite seguinte, Altaïr foi acordado por um som no seu quarto e permaneceu deitado a pestanejar, ouvindo alguém a andar pelo quarto,

com passos em direção à secretária. Foi apagada uma vela que tornou visíveis sombras na parede de pedra. Era o seu pai, pensou, ainda meio a dormir. O seu pai tinha voltado, então sentou-se a sorrir, pronto para o receber em casa e ser repreendido por estar acordado. Tinha finalmente acordado de um sonho terrível no qual o seu pai tinha morrido e o deixado sozinho.

Mas o homem no seu quarto não era o seu pai. Era Ahmad.

Ahmad estava de pé junto à porta, esquelético por debaixo das suas vestes brancas, a sua cara era uma máscara pálida. Apresentava uma expressão distante, quase tranquila, e sorriu um pouco quando Altaïr se levantou, como se não quisesse assustar o rapaz. Ainda assim, os seus olhos eram covas escuras e cavadas como se a dor tivesse queimado a sua vida por dentro. E, na mão, segurava um punhal.

— Peço desculpa — disse, e foram as únicas palavras que disse, as suas últimas palavras, porque, de seguida, cortou a garganta com a faca, abrindo uma boca vermelha e escancarada no seu próprio pescoço.

Jorrou sangue pelas suas vestes abaixo, formando-se bolhas de sangue na ferida do pescoço. O punhal caiu secamente no chão e Ahmad sorriu enquanto caía de joelhos, a olhar fixamente para Altaïr, que estava sentado, petrificado de medo e sem conseguir desviar o olhar de Ahmad a esvaír-se em sangue. Agora, o homem moribundo estava caído sobre os joelhos, quebrando finalmente aquele olhar fixo quando a sua cabeça tombou para o lado, sendo impedido de cair para trás pela porta. E permaneceu assim por instantes, um homem em penitência, ajoelhado. Depois, caiu finalmente para a frente.

Altaïr não fazia ideia de quanto tempo ficara ali deitado, a chorar baixinho e a ouvir o sangue de Ahmad a espalhar-se espessamente pela pedra. Por fim, achou a coragem para sair da cama, pegou na vela e contornou o horror sangrento que jazia no chão. Abriu a porta, contraindo-se quando esta tocou no pé de Ahmad. Finalmente fora do quarto, fugiu. A vela apagou-se, mas ele não queria saber. Correu até chegar a Al Mualim.

— Não podes contar isto a ninguém — tinha-lhe dito Al Mualim no dia seguinte. Altaïr recebera uma bebida quente com especiarias, depois passou o resto da noite nos aposentos do Mestre, onde dormiu tranquilamente. O Mestre tinha ido para outro lado para cuidar do corpo de Ahmad, como se veio a verificar no dia seguinte, quando Al Mualim regressou, sentando-se a seu lado na cama.

— Vamos dizer à Ordem que Ahmad partiu ao abrigo da escuridão — disse. — Eles que tirem as suas próprias conclusões. Não podemos per-



mitir que Abbas fique marcado pela vergonha do suicídio do seu pai. O que Ahmad fez é desonroso. A sua desgraça espalhar-se-ia para os seus.

— Mas e Abbas, Mestre? — disse Altaïr. — Ser-lhe-á contada a verdade?

— Não, meu filho.

— Mas ele devia ao menos saber que o seu pai está...

— *Não*, meu filho — repetiu Al Mualim, subindo o tom de voz. — Ninguém irá dizer nada a Abbas, incluindo tu. Amanhã anunciarei que vós os dois se vão tornar principiantes na Ordem, que serão irmãos em tudo menos em sangue. Irão partilhar o quarto. Irão treinar e estudar e comer juntos. Como irmãos. Irão tomar conta um do outro. Certificar-se-ão que nada de mal acontece ao outro, seja físico ou por outros meios. Estamos entendidos?

— Sim, Mestre.

Nesse dia mais tarde, Altaïr foi instalado num quarto com Abbas. Era um quarto despido, tinha dois catres, tapetes de junco, uma secretária pequena. Nenhum dos dois rapazes gostava dele, mas Abbas dizia que iria sair dali em breve, quando o seu pai regressasse. À noite, tinha espasmos e por vezes gritava durante o sono, enquanto, na cama ao lado, Altaïr permanecia acordado, com receio de dormir e os pesadelos de Ahmad voltarem.

E voltaram. Ahmad visitava-o à noite desde então. Vinha com um punhal que reluzia contra a luz trémula da vela. Cruzava lentamente a lâmina contra a sua própria garganta, sorrindo enquanto o fazia.

Altaïr acordou. O deserto estava fresco e ainda à sua volta. As palmeiras agitavam-se ligeiramente numa brisa e a água pingava atrás de si. Passou a mão pela testa e apercebeu-se que transpirava. Deitou-se de novo, na esperança de dormir pelo menos até amanhecer.